

convergência

NOV — 1973 — ANO VI — Nº 63



Página 529:

- **NOVAS EXPERIÊNCIAS:
COMUNIDADES INTERCONGREGACIONAIS**

Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU

Página 545:

- **AMADURECIMENTO DA PERSONALIDADE
DO JOVEM ENTRE 15 E 25 ANOS,**

Pe. Oscar Mueller, SJ

Página 561:

- **PARA O NOSSO RETIRO MENSAL,**

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

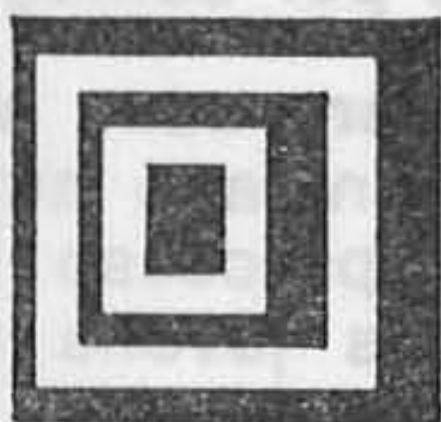
Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.

SUMÁRIO

EDITORIAL	521
INFORME DA CRB	523
NOVAS EXPERIÊNCIAS: CO- MUNIDADES INTERCON- GREGACIONAIS NO BRASIL HOJE, Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU	529
AMADURECIMENTO DA PER- SONALIDADE DO JOVEM ENTRE 15 e 25 ANOS, Pe. Oscar Mueller, SJ	545
PARA O NOSSO RETIRO MEN- SAL, Frei Alberto Beckhau- ser, OFM	561
A DIOCESE DE ARAÇUAÍ, MG, ÀS SUPERIORAS RELIGIO- SAS	568
REGISTRANDO:	
1. ESCOLA NOVA PARA UM HOMEM NOVO, Card. Jean Villot	571
2. MISSIONÁRIAS DA VER- DADE, Irmã Ersília Canta, FMA	573
LIVROS NOVOS	577

Costumamos dizer que vivemos numa época onde a preocupação eclesial, comunitária, domina a todos. Ora em termos vagos,



EDITORIAL

até interesseiros, ora buscando uma aproximação humana maior, ora buscando uma comunhão de vida em profundidade, ao nível da fé e da caridade, em tudo isto um fato permanece constante: queremos nos encontrar. Talvez mais do que no passado sentimos hoje como verdadeiro o axioma: Cristo veio salvar o seu povo. A salvação se opera na comunhão do Amor.

Na vida religiosa, a comunidade continua sendo um ideal e uma busca. Tentativas sempre renovadas se esforçam por tornar realidade o mandamento de Cristo: amai-vos uns aos outros. O mandamento é verdadeiro, mas encontra a barreira das limitações humanas. Num grupo não basta ter fé, esforçar-se para criar comunhão. E a comunhão aparece como por encanto. Seria esquecer as limitações dos integrantes, a geografia, a cultura, o tempo e a história que os cercam, as frustrações maiores ou menores de cada um. Vista sob este ângulo, a comunidade se transforma em utopia. Ela nunca aparecerá como uma concretização real, porque sempre faltará algo de importante. É a tentação de voar até o Sol com asas de cera. A aspiração íntima e nunca abandonada de viver um ideal divino, de comunhão e amor, só alcançável plenamente na ressurreição.

3

Se intentarmos buscar pessoas, locais, mentalidades, culturas, afinidades que possibilitem uma comunidade ideal, o fracasso estará sempre a nossa espera. O Senhor nunca nos pediu que vivêssemos como anjos, mas como irmãos.

4

Na perseverança desta busca está nossa vocação e nossa grandeza. Não em apresentarmos comunidades ideais, que não existem, mas em aceitarmos a condição de peregrinos, demandarmos a meta sem esmorecimentos.

5

Aqui vejo o positivo do esforço quase universal, na vida religiosa, em tentar e permitir tentar todos os caminhos que possam levar à renovação: inserção na pastoral, comunidades de base, pequenas comunidades, comunidades entre religiosos que buscam o mesmo objetivo de trabalho, comunidades intercongregacionais. Estas certamente não são ainda tão numerosas quanto as pequenas comunidades e grupos de trabalho.

6

No entanto existem, e sempre em número maior. O que significam elas para a renovação ou transformação da vida religiosa?

São meros acasos? Ou as con-

gregações têm consciência do que significam em concreto?

Irmã Jeanne Marie Tierny, a partir de um questionário e de contatos pessoais com os respectivos grupos, nos apresenta uma reflexão muito rica. O trabalho foi discutido na Equipe de Reflexão Teológica da CRB. A análise da gênese, desenvolvimento e perspectivas destas comunidades intercongregacionais poderá trazer luzes e orientações, sobretudo por se tratar de um assunto onde os estudos estão praticamente por começar.

Pe. Oscar Mueller, com sua reconhecida experiência e autoridade, focaliza o processo de amadurecimento dos jovens religiosos e religiosas, entre os 15 e os 25 anos. Um trabalho que, sem dúvida alguma, merece a maior atenção por parte dos formadores.

Frei Alberto Beckhauser inicia com este número uma série de reflexões que visam fornecer às comunidades religiosas, subsídios para o recolhimento (retiro) mensal. Além do aspecto teológico, há sugestões para a celebração litúrgica. Cremos estar respondendo, com esta iniciativa, a uma necessidade real de nossas fraternidades.

Agradecendo o apoio que estamos recebendo pela orientação de CONVERGÊNCIA, esperamos que este número possa também ajudar a percorrer o caminho do bem.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ASSEMBLÉIA ANUAL DA CRB — FORTALEZA, CE

Nos dias 3, 4 e 5 de setembro reuniram-se os religiosos da Regional de Fortaleza em Assembléia Anual, no Cenáculo, à Avenida Bezerra de Menezes, 1811. Estavam participando do Encontro 63 Religiosos e Religiosas entre membros da Diretoria e Executivo Regionais, Superiores Gerais em número de 5, Provinciais 7, Delegados 19, cinco Representantes de Núcleos Diocesanos, dois Coordenadores Diocesanos, treze representantes de comunidades e dois convidados. Presentes ainda, o Arcebispo Metropolitano, Dom Aloísio Lorscheider e o Vigário Geral para os Religiosos, Dom Gerardo Milleville. Da parte do Nacional e como conferencista da Assembléia, Frei Constâncio Nogara, Secretário Executivo Nacional. Eram 33 Congregações diferentes que integravam a Assembléia.

Toda a Assembléia se baseou, na parte de reflexão, no documento da CLAR: **Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina** focalizado por Frei Constâncio. À luz desta reflexão e destes enfoques se analisaram as atividades da Regional, as atividades dos Núcleos Diocesanos e as experiências apostólicas. Dentro desta perspectiva apareceram

as proposições votadas pela Assembléia e que merecerão a atenção especial da Regional até a próxima Assembléia.

PROPOSIÇÕES

I. SETOR ADMINISTRATIVO. **Primeira:** Que a Assembléia Regional faça um apelo a todos os Superiores Maiores no sentido de liberarem um elemento (possivelmente um religioso) para a função de Secretário Executivo da CRB de Fortaleza. **Segunda:** Para favorecer a participação dos religiosos e melhorar a dinâmica das reuniões mensais: a) Que se divida a Regional em zonas geográficas, respeitando-se na medida do possível a divisão pastoral. b) Que se estude a conveniência de horários e dias para melhor atingir os religiosos.

II. SETOR ANIMAÇÃO ESPIRITUAL E RELIGIOSA.

Primeira: Que haja convocação por parte da Diretoria da CRB, no sentido de tornar oficiais os encontros frequentes de mestras de postulantes, noviças e junioristas, dentre estas se eleja uma equipe que responsabilize pela dinâmi-

ca dos noviciados e juniorato intercongregacionais. Concomitantemente haja reuniões das formandas, se possível no mesmo local.

Segunda: Que se crie uma equipe de pastoral vocacional, de comum acordo com a CNBB e que esta convoque mensalmente uma reunião com representantes de cada congregação, fornecendo subsídios às congregações.

Terceira: Que a equipe de reflexão teológica se reorganize, atendendo aos seguintes aspectos: **a)** Estudar esquemas que sejam abordados nas reuniões mensais para serem comunicados previamente. **b)** Estudar os aspectos fundamentais da formação para melhor ajudar os responsáveis na descoberta de novas pistas.

Quarta: Que se dinamize a equipe de oração e que ela aproveite as grandes festas e acontecimentos religiosos para promover dias de oração e de reflexão.

Quinta: Que a CRB estude um meio de acompanhar as pequenas fraternidades que estão surgindo como experiências e aproveitar delas os possíveis pontos positivos que surgirem.

Sexta: Que durante encontros como esta Assembléia, se possibilite a participação de outros religiosos e religiosas nas reflexões teológicas que aí se fizerem.

Sétima: Que o Executivo ou elementos da Diretoria, na medida do possível, visitem comunidades do interior, nos fins-de-semana e nesta oportunidade estudem com elas os documentos atuais sobre a vida religiosa, dando-se-lhes as necessárias informações, visando um triplice objetivo: **a)** Reflexão. **b)** Contatos diretos. **c)** Notícias.

A presença de Dom Aloísio em várias reuniões foi uma oportunidade muito feliz para os participantes conhecerem de perto a simplicidade, a capacidade de comunicação e sua estima pela vida religiosa. Foi bom o nível do trabalho de reflexão e do dinamismo do grupo. No meio de todos aqueles religiosos e religiosas, de tão diferentes carismas, de tão variadas Ordens, Congregações e Institutos, reinou um clima de confiança, de abertura e de fraternidade à procura realmente de discernir a vontade de Deus, à escuta dos apelos do Espírito, com o compromisso de assumir com mais empenho os destinos da vida religiosa na Igreja do Nordeste.

O DIA DO RELIGIOSO

A Regional da Conferência dos Religiosos do Brasil, Sul 2, Curitiba, comemorou no dia 19 de agosto, pela primeira vez, o **DIA DO RELIGIOSO**. A preparação anterior às comemorações foi intensa e milimetricamente programada com a finalidade de motivar toda a Igreja do Paraná: Senhores Bispos,

Superiores Religiosos, Superiores Locais, todos os religiosos e o Povo de Deus. As equipes para as diversas atividades, para as diversas áreas funcionaram com eficiência. Uma preparação tão cuidada só podia colher os frutos que colheu. Muito bem sucedida e aceita a idéia. A imprensa informou e

noticiou os acontecimentos movimentando a opinião. Na semana que precedeu o dia 19, os jornais em suas colunas de assuntos religiosos ofereceram diversificados comentários sobre a vida religiosa, o religioso, suas atividades, seu papel, suas funções seu campo de trabalho.

UM CONCURSO

A Regional CRB-Curitiba lançou um concurso para a música e a letra do hino do Religioso. Vencedoras: Irmã Artúris, Divina Providência, para a letra e Irmã Rosvita, também da Divina Providência, para a música. Eis a letra vencedora:

Ao chamado do mestre viemos / Trabalhar na seara de Deus / A Família e os bens lhe cedemos / A vontade também. Somos seus.

Estrofes:

1. A escolha do mestre é mistério. / Sempre fez o chamado a quem quis. / E quem leva o convite a sério / Se transforma, se torna feliz. 2. Para o Povo de Deus, a Igreja / Sermos sal, sermos luz e calor / Assim Cristo de nós o deseja / Em nos dando seu grande amor. 3. Num programa de vida candente / A serviço de Deus e do Irmão / Temos sempre o Evangelho presente / Bem unidos num só coração. / 4. Eia, avante, num passo bem forte / Seguiremos o caminho da cruz / E seremos fiéis até a morte / Olhos fitos da Pátria da luz.

O PROGRAMA

Eis a íntegra do programa do DIA DO RELIGIOSO, que visa destacar os ob-

jetivos da integração humana, social e espiritual entre os que optaram pela vida consagrada nas Ordens, Congregações e Institutos. Mais de 800 religiosos estavam presentes além de uma assistência superior a duas mil pessoas.

Local: Salão da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe. Curitiba, PR. **Data:** 19 de agosto de 1973. **Horas:** Das 14,00 às 19,30 horas. **Personagens:** Senhores Bispos de Curitiba e de Londrina, Vice-Presidente da CLAR e Secretário Executivo da CRB Nacional, Frei Constâncio Nogara, Diretoria Executiva Regionais, Religiosos e sacerdotes da Arquidiocese. **AGENDA:** 14,00 horas, abertura. Saudação do Arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, aos religiosos do Paraná. Saudação do Presidente da CRB — Regional, Pe. Domingos Gabriel Wisniewski. Mensagem aos religiosos do Paraná pelo Vice-Presidente da CLAR, Frei Constâncio Nogara. Às 14,30 horas: Número artístico. Às 18,00 horas: Solene Concelebração. Mensagem de encerramento.

MENSAGEM

Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, por ocasião da solene comemoração do **DIA DO RELIGIOSO**, enviou a todos os religiosos e religiosas do Paraná, a seguinte mensagem:

“Em nome da Diretoria e do Executivo Nacional da CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, congratulamo-nos com a IGREJA DO PARANÁ e particularmente com seus religiosos e religiosas. É a primeira vez que neste

Estado, e penso que, de fato, em todo o Brasil, se celebra o DIA DO RELIGIOSO. O Paraná foi pioneiro uma vez mais. E vai aqui, em nome dos religiosos e religiosas do Brasil, o nosso voto de felicitações pela iniciativa de tão grande alcance da Regional da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, no Paraná.

A vida religiosa hoje, porque mais próxima dos homens e mais inserida no mundo, tornou-se muito exigente na coerência interna e profunda com aquilo que na verdade a constitui. O Religioso ou a Religiosa, hoje, deve radicar-se em Deus e abrir-se plenamente para os outros. Crescer na fé, alicerçar-se na esperança e viver no amor uma disponibilidade generosa para o serviço de seus irmãos.

A experiência de Deus, de um Deus pessoal, interlocutor vivencial de sua existência, fará do religioso e da religiosa pessoas capazes de uma visão de mundo positiva, construtiva.

A experiência fraterna e dedicada ao próximo, vivida em cada irmão ou irmã, no Povo de Deus, dar-lhe-á sempre um realismo atento a tudo e a to-

dos, muito consciente da dimensão árdua e difícil da vida, mas muito sensível a quanto pode torná-la melhor, mais humana, mais digna de ser vivida.

Nunca como hoje, o Religioso e a Religiosa se sentiram tão intensamente confrontados com uma gama complexa de valores que estão a exigir discernimento constante, acuidade de senso crítico, consciência precisa da própria missão e de sua inconfundível identidade. Mas tudo isto é difícil e não se pode obter senão sob uma profunda ação do Espírito Santo no mais íntimo do coração de cada um, para processar ali a conversão de que necessitamos sempre a fim de superar em nós o que nos amesquinha a vida e nos esteriliza no serviço de Deus e dos homens.

Unindo-nos aos Religiosos e às Religiosas do Paraná neste grande dia, peço para todos e cada um, por meio de Maria, Mãe da Igreja, o dom eficaz de uma resposta ativa à inspiração e ao apelo do Espírito Santo, que nos quer RELIGIOSOS E RELIGIOSAS para um mundo atual e difícil, mas que se constitui um desafio digno de uma vida."

RECIFE: JUNIORATO INTERCONGREGACIONAL

De 15 a 21 de julho se reuniram as junioristas para uns dias de reflexão em conjunto, atendendo a solicitações feitas à CRB-Recife desde 1972. O progressivo aumento das inscrições, especialmente depois da Assembléia, comprovou o interesse pela iniciativa. Quarenta e cinco se inscreveram e participaram do Encontro.

A Academia Santa Gertrudes acolheu fraternalmente o Grupo, colocando à disposição casa e pessoas. Mais uma vez muito obrigado à disponibilidade das Irmãs Beneditinas. Para facilitar o entrosamento das junioristas constituíram-se várias equipes, desde o primeiro dia: equipes de oração, de liturgia, de recreação. Queriam viver a semana

num clima de comunidade. No começo, apesar dos esforços, ou por causa deles, permanecia certa reserva. Graças, entretanto, ao dia de deserto, o grupo partiu para o entrosamento e contatos mais em profundidade.

A reflexão sobre a missão de Jesus e a nossa, a partir dos evangelhos, ajudou a muitas a descobrir um Cristo mais humano, mais próximo de nós, porque mais presente dentro de nossa realidade, como também fazer perceber

a necessidade de conhecer melhor o evangelho.

Aliás foram estes os dois pontos essenciais levantados na avaliação final, onde também se destacou também um desejo comum de relacionamento e contatos mais frequentes entre as religiosas, para melhor sentir e testemunhar essa presença de Cristo no meio de nós, pois nele "todo edifício se ajusta e se ergue num templo santo do Senhor," Ef 2,21.

FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria terminaram seu Capítulo Geral, dia 4 de março de 1973, em Roma, Grottaferrata, onde estiveram reunidas durante cinco meses de oração e trabalho intenso, 116 capitulares, representando 10.136 irmãs distribuídas em 65 países de seis continentes. Além da eleição do Governo Geral, ereção de 13 novas províncias, constituiu um dos pontos altos do Capítulo a elaboração

de um texto de redescoberta "**A Identidade da Franciscana Missionária de Maria**", síntese de três documentos de trabalho: 1.º) A Missão Hoje. 2.º) A Vida com Deus. 3.º) A Vida Religiosa Autêntica. A identidade exprime o ideal e o objetivo da Congregação, sua vocação eucarística, marial e franciscana, seu elã missionário à Luz de seu próprio carisma e em resposta aos apelos e problemas de hoje.

NOVO INSTITUTO PASTORAL DO CELAM

A partir do próximo dia primeiro de março de 1974 vai começar a funcionar em Medellin, Colômbia, o novo Instituto de Pastoral do CELAM. Este Instituto foi constituído por resolução da XIV Reunião Ordinária do Conselho Episcopal Latino-americano celebrado em Sucre, Bolívia em novembro de 1972. Quer ser um instituto de investigação e ensino, de nível superior, embora ainda não tenha o caráter de uma Faculdade

de Universidade. Terá uma duração de nove meses completos, concluindo no dia 30 de novembro de 1974.

O Instituto tem por finalidade formar agentes de pastoral que tenham um trabalho apostólico de certa responsabilidade. Para este fim oferece um curso intensivo, que compreende uma parte fundamental, com cerca de 470 aulas, parte obrigatória para todos, e quatro especializações, cada uma com cerca

de 230 aulas: Pastoral Catequética, Pastoral Litúrgica, Pastoral Social, Pastoral de Comunicações.

Em seu trabalho, o Instituto parte da análise da realidade latino-americana e do compromisso apostólico com o homem da América Latina. Procura dar uma orientação pastoral à luz do evangelho e dos ensinamentos do Concílio Vaticano II e dos documentos da Conferência de Medellín. Quer ainda ajudar a descobrir a originalidade, a vocação específica e a fisionomia própria da Igreja do nosso continente.

Poderão participar do curso, Bispos, Padres, Diáconos, Religiosos, Religiosas, Leigos. Para que possam acompanhar um curso superior de aprofundamento teológico-pastoral, exige-se nos participantes uma correspondente preparação acadêmica, certa experiência pastoral e maturidade vocacional, afetiva e espiritual.

O PAPEL DA MULHER NA IGREJA

Realizou-se no Convento Madre Regina, em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, o primeiro seminário sobre O PAPEL DA MULHER NA IGREJA, conforme Plano Bial da CNBB, n.º 4.2.17, com a participação de 14 Religiosas, 4 leigas e 3 presbíteros. Este seminário foi preparado por grupos de trabalho

Embora não residam na sede, os participantes conviverão durante o dia no Instituto, onde receberão também o almoço. Cada participante terá que elaborar durante o curso uma monografia, participar de seminários, grupos de estudos etc. Para fomentar o ambiente de espiritualidade e fraternidade, os estudantes terão tempo de oração, celebrações litúrgicas e convivências. Uma ampla biblioteca especializada, sobretudo em assuntos da América Latina, estará à sua disposição. A equipe permanente de seis professores ajudada por outros professores convidados, garantirá as aulas fundamentais, orientará os trabalhos dos participantes e com eles procurará animar a vida fraterna.

Outras informações ou pedidos de inscrição sejam endereçados ao Diretor do Instituto, Frei Boaventura Kloppenburg, OFM. Apartado Aereo 5278. Bogotá, Colômbia.

de todas as Regionais da CRB que remeteram à CRB-Nacional 27 trabalhos, fruto de sua reflexão. **Convergência** iniciará o ano de 1974 com um número especial sobre tema tão importante e tão atual para a vida da Igreja e dos homens.

O presente artigo não se baseia numa pesquisa rigorosa, mas num apanhado empírico feito com vinte e duas comunidades através de contatos pessoais. Portanto, minha intenção não é fazer um trabalho científico. Dou apenas pinceladas para chamar a atenção sobre um fenômeno que, de fato, vai se alastrando, à maneira espontânea, mas também efêmera, dos cogumelos. Comunidades intercongregacionais, isso significa êxitos e fracassos, pessoas amarguradas e torcedores entusiastas. Bastam estas palavras para iniciar uma reflexão começada a pedido da CRB, fazendo votos para que outros, mais capacitados a continuem.

IR. JEANNE-MARIE TIERNY, OSU

NOVAS EXPERIÊNCIAS: COMUNIDADES INTERCONGREGACIONAIS NO BRASIL HOJE

“Dois estudantes de teologia, durante as férias, foram trabalhar com um grupo de jovens num “kiboutz” israelita, de ideologia comunista. A acolhida foi maravilhosa e a descoberta empolgante. O espírito comunitário está no âmago desta aceitação mútua que se encontra por toda parte” (1).

Este mesmo espírito comunitário, cujas manifestações são das mais variadas, anima a vida religiosa

desde as suas origens (2). Nossos dias vêem surgir comunidades intercongregacionais. Como situar este fenômeno na vida da Igreja e dos Institutos? Uma reflexão prévia sobre o dinamismo da vida cristã, hoje, e sobre o carisma dos Institutos, ajudar-nos-á a compreender os movimentos intercongregacionais, um dos quais é a formação de comunidades mistas. À luz do significado da vida religiosa no mundo de hoje, tentaremos analisar esta

experiência e assinalar pistas para que elas sejam, de verdade, manifestações da misteriosa atividade do Espírito de Deus.

I — OBSERVAÇÕES SOBRE A DINÂMICA COMUNITÁRIA CRISTÃ HOJE

O processo de socialização, nestas últimas décadas, intensificou-se sobremaneira. Em 1961, na Encíclica **Mater et Magistra**, João XXIII sublinhava a amplidão, as vantagens e a ambiguidade do fenômeno, pois a socialização não gera automaticamente relacionamentos mais humanos e felizes entre pessoas. Suscita igualmente conglomerados, onde a vida, não raramente, é infernal.

Em reação contra tal situação, formam-se grupos de toda espécie, aos quais Paulo VI aludiu no seu discurso aos Bispos da Itália:

“Hoje em dia, somos testemunhas de um fenômeno de geração espontânea de associações, em alguns setores do Povo de Deus. O temor de que, sob pretextos carismáticos, estas associações sejam fechadas e, às vezes, contestatórias, não nos deve impedir de manifestar uma atenta solicitude a respeito desses grupos, com frequência capazes de intensa espiritualidade e de iniciativas de caridade fervorosa. A Igreja é a família dos cristãos que, como os dos primeiros tempos depois de Pentecostes, querem formar um só coração e uma só alma” (3).

O Papa, portanto, sublinha o aspecto positivo da existência e a atuação destes grupos, em vista da consecução do ideal cristão de fraternidade.

Por que hoje em dia os grupos se multiplicam? Os homens, parece, agiram como os companheiros de Ulisses, diante da caixa de Pandora: libertaram todos os ventos e, assim, tornaram complexo e dificultoso seu caminhar juntos, num rumo construtivo.

As estupendas descobertas trazem, ao mesmo tempo, exaltação e reboço. As sociedades perdem sua solidariedade natural e isso gera, nas pessoas, muita insegurança, pois elas procuram formar grupos de amparo, para enfrentar a nova situação.

De outro lado, a tomada de consciência do seu poder, cria no homem pela primeira vez, a convicção de que ele pode influir no curso da história e, mesmo, construí-la (4).

Pode-se dizer que, seja em atitude de defesa — a união dos náufragos — seja em vista do progresso, os homens se solidarizam. É neste **substratum** psico-social que se insere a dinâmica da fé.

Assim, em todos os continentes, notamos uma verdadeira exploração de movimentos comunitários cristãos. Citamos, à título de exemplo, as **Jamas** da África, os **Focolari** no mundo inteiro, a **Sociedade dos Irmãos** nos EUA, a **Comunidade Ecumênica** de Taizé, os **Foyers de Charité** (lares de caridade), **l'Arche**, de Lanza del Vasto, a **cidade co-**

munitária de Copainville na França, a **Poudrière** em Bruxelas (5) e, no Brasil, as numerosas comunidades de base.

A principal motivação de todos estes movimentos é, sem dúvida, o desejo de uma comunhão autêntica no Cristo. Será que, além desta razão comum de ser, apesar do aspecto singular e original de cada realização, elas apresentam traços comuns? Os membros destas comunidades salientam-se por um cunho de simplicidade no viver e relacionar-se, pelo ânimo no trabalho comum, pela espontânea participação às reflexões e discussões grupais e, em graus diversos, pela partilha dos bens. Eles insistem na aceitação e valorização mútua e praticam um **agere contra** notável para viver efetivamente em comunidade.

“O difícil, dizem eles, não é tanto a partilha dos bens, a incompreensão dos parentes, mas não depender de vontade própria e se sujeitar à sabedoria da Assembléia dos Irmãos e das Irmãs” (6). Eles querem que seu testemunho irradie e seja um incentivo para toda a sociedade. “Queremos ser uma pequena comunidade para influir na grande” (7).

Estas características cruzam com a definição de comunidade dada por Max Delespesse:

“A comunidade é um grupo fraterno, orgânico, suficientemente estável, onde pessoas se assumem mutuamente, partilham o que são e o que têm para congregarem todos os homens na unidade” (8).

São palavras não de um teorista, mas do animador, em Bruxelas, de um movimento comunitário de repercussão mundial.

Como se situam os Religiosos frente a estes movimentos comunitários cristãos?

Desde a sua origem, no século IV, a vida religiosa foi cenobítica. A Igreja hierárquica ratificou este estilo de vida comunitária. O eremitismo constituía um fenômeno de exceção.

No decorrer da história, cada período de transformação social e de renovação eclesial contou com um recrudescimento da vida religiosa comunitária (9).

Em harmonia com esta constante da história, Paulo VI chama os Religiosos à renovação:

“A aspiração da humanidade para uma vida mais fraterna entre pessoas e nações exige uma transformação dos costumes, mentalidades e corações. Esta incumbência é de todo o povo de Deus, mas dos Religiosos, a um título peculiar” (10).

Efetivamente, sob mil formas, tenta-se uma renovação comunitária. Ela se fundamenta em abundante literatura teológica. Embora suas realizações se apresentem cheias de limites e, mesmo, de fracassos, não deixam de ser corajosas, refletindo o risco da fé, como são várias experiências de comunidades intercongregacionais. Mas falar de comunidades intercongregacionais, não seria fazer pouco caso do carisma específico de cada congregação?

II — O CARISMA DAS CONGREGAÇÕES

O carisma é “dádiva preciosa de Deus”, é presença do Espírito que se manifesta por dons gratuitos sempre destinados ao bem da comunidade (11).

Uma das primeiras considerações da *Perfectae Caritatis* é de nos mostrar como “a Igreja, de boa vontade, aprovou as famílias religiosas. Surgiu, por Divina Providência, uma admirável variedade de grupos religiosos, a qual contribuiu para que a Igreja não apenas esteja aparelhada para toda boa obra e organizada para as atividades do seu ministério, em vista da edificação do Corpo de Cristo, mas apareça também ornamentada com os vários dons dos seus filhos, como uma esposa adornada para o seu esposo, e por ela se manifeste a multiforme sabedoria de Deus” (12).

Através de seus carismas especiais, os fundadores responderam às necessidades precisas do seu tempo. Eles tiveram “uma inspiração totalmente nova. Novidade que se manifesta pela rejeição das formas de vida catalogadas como vida religiosa no seu tempo” (13), rejeição no sentido de não optar pessoalmente por este tipo de engajamento. Eles estavam plenamente “enraizados no seu tempo” (14) cujas chagas percebiam. Por uma opção resoluta e corajosa, que era resposta a um apelo do Espírito Santo, decidiram abrir caminhos novos.

Assim Francisco de Assis, pai de tantos Institutos e Congregações, viveu alegremente despojado num

contexto de luxo. Ângela Merici, cujo quinto centenário de nascimento festejaremos no ano próximo, decidiu, na época turva da Renascença, levar em pleno mundo, através da oração e da mortificação, um carisma de pureza e caridade.

É notável que não seja tanto pelo que **fizeram**, mas pelo seu **ser** que os iniciadores de Institutos marcaram seu tempo. Isso mesmo constitui o carisma: o espírito encarnado no **Ser**. As obras e realizações concretas são uma decorrência (15).

Outras pessoas, com afinidade neste “sentir espiritual” do líder carismático se juntam a ele. O grupo, assim nascido, “pela aceitação oficial, canônica da Igreja hierárquica, se torna congregação” (16).

É interessante sublinhar que o mesmo decreto conciliar *Perfectae caritatis*, que louva a diversidade dos Institutos, quer conter uma multiplicidade demasiada e aponta normas para as novas fundações. É preciso “ponderar a necessidade e as possibilidades de expansão para que não haja Institutos inúteis ou desprovidos de vigor” (17).

É a sabedoria da Igreja que fala, pois, não raramente, pessoas desprovidas de carisma, mas desejando resolver situações concretas ou

ampliar seu cartaz, apossam-se do direito de juntar adeptos. Não se dizia outrora de um Instituto célebre que, para ser membro plenificado do mesmo, era necessário que tivesse escrito um livro e fundado uma congregação feminina? É fácil, em certos ambientes, juntar candidatos, pois, não faltam pessoas dóceis que querem se dar ao Cristo e não encontram um quadro que sustente seu projeto.

Outro fato dificulta também a descoberta do carisma inicial da Congregação: sob o impulso de perfeccionismo, senão de auto-suficiência, Superiores Maiores, impunham que cada membro da sua Congregação vivesse o específico de todas as principais famílias religiosas masculinas: deviam ter ao mesmo tempo, a dinâmica apostólica e a lógica dos jesuitas, a simplicidade franciscana, dedicar-se ao louvor beneditino e à educação lassalista. Resultava disso uma mistura inexpressiva e o esgotamento dos seus membros.

Importa, pois, que as Congregações reencontrem seu carisma de origem, enriquecido pela vivência autêntica, não superposta, recebida no decorrer dos anos ou dos séculos e, de acordo com os apelos do momento, descubram através do discernimento espiritual comunitário, na corresponsabilidade de todos os membros, qual o testemunho que Deus delas espera, no mundo de hoje.

Uma reflexão lúcida e humilde pode revelar que tal congregação não tenha mais razão de existir, o que não nega a sua validade num

dado momento. A história nos ensina que os Institutos não são perenes. Pensar o contrário seria triunfalismo religioso, tão prejudicial ao espírito evangélico.

Talvez, em nossa época, este atestado de "desenganada" dado a uma congregação, seja menos cruciante do que outrora, pois estão surgindo muitas oportunidades de realização de vida religiosa, especialmente através dos movimentos intercongregacionais.

"Cada um de vós ponha ao serviço dos outros o seu carisma, conforme o recebeu", diz São Pedro (18). O que ele vale para todo membro nas congregações, vale igualmente para cada congregação na Igreja. Não se trata de "copiar o que foi feito, mas de "criar" (19) formas novas e atualizadas de testemunho e serviço na Igreja de hoje.

III — O MOVIMENTO INTERCONGREGACIONAL E A IGREJA PARTICULAR

O Concílio questionou as estruturas da Igreja e, por conseguinte, abalou as Congregações. Em vez de considerar-se a esposa toda pura de Cristo, a Igreja viu que, na realidade, ela escondia e, às vezes, deformava o rosto de Cristo, que devia revelar. Esta atitude fez com que a sua fachada se desagregasse mas, ao mesmo tempo, as suas riquezas divino-humanas se desdobrassem, permitindo-lhe comungar com a realidade do mundo. A Igreja se tornou vulnerável; por isso, em vez de ficar indiferente, o mundo a questiona também.

Seguindo um ritmo diversificado, as Congregações entrem nesse processo de tirar a máscara, de derrubar estruturas obsoletas. Os religiosos percebem o ilogismo, o contrasenso de uma atitude de fechamento e de auto-suficiência. A situação de crise manifestada pelas numerosas saídas de Religiosos e pelo baixo número de vocações, assim como certo medo, — “a vida religiosa não é mais porto de tranquilidade” (20) — contribuíram para a aproximação.

De outro lado, o processo de socialização do mundo moderno levou a Igreja a se estruturar de maneira nova. Nasceram as grandes conferências episcopais nacionais. Os Religiosos também se organizaram como o testemunha a CRB, que se estruturou no nível nacional, regional, diocesano e, mesmo, local, nos lugares em que os Religiosos são em número suficiente.

Para as Religiosas, formaram-se os setores especializados das contemplativas, das educadoras, das que se dedicam aos hospitais e à pastoral. Para responder à necessidade de dar uma formação sólida — derrubando as estruturas, pois cada pessoa, para ser fiel à sua vocação, precisa criar um eixo interior mais forte, — instituíram-se noviciados, junioratos e, mesmo, cursos de formação continuada, intercongregacionais. Nesse estilo, multiplicam-se retiros, nascem casas de oração, formam-se equipes integradas que assumem missões pastorais temporárias ou permanentes.

A atitude das Irmãs vai também se modificando. Há menos “freiras estereotipadas” e mais religiosas,

que se assumem, em todas as dimensões de sua personalidade; tendo identidade, se relacionam e se comunicam mais facilmente e servem o próximo com maior alegria. Aliás, é útil dizer que esta fase de formalismo, pela qual várias de nós passamos, era fruto de todo um ambiente eclesial, que “dava valor a atos emanados da vontade moral bem orientada e não cultivava o afeto, a cordialidade, o amor terno, julgando-os prejudiciais ao seguimento do Senhor Jesus” (21).

Reacentuando o “ser religioso”, relativizam-se as “obras”. O ideal não é assegurar a perenidade das mesmas, mas responder, segundo o carisma pessoal e congregacional, aos apelos da Igreja.

Como, concretamente, conhecer estes apelos, senão através da Igreja local? É interessante notar que, concomitantemente ao desabrochar do movimento comunitário, está se fazendo a redescoberta da Igreja Particular. Ela não é uma subdivisão da Igreja Universal, mas “é Igreja com todos os seus atributos”, e seus sinais, que são “a unidade na fé e no amor em torno dos Pastores” (22).

Encetou-se então um diálogo entre os Superiores e as Superiores de Congregações e os chefes das Igrejas Particulares, os Bispos. As necessidades novas, criadas pela Pastoral de Conjunto, os numerosos setores geográficos sem pastor — são ainda umas quatrocentas paróquias sem vigário no Brasil — desvendaram campos imensos para a generosidade dos consagrados ao absoluto do Reino” (23).

Como analisa René Roger, “o projeto religioso recebe tanto mais êxito quanto mais assumido pela Igreja Local. Esta, pelo seu questionamento, obriga os Religiosos a maior inserção e criatividade, julga da fidelidade dos mesmos ao Evangelho e da eficácia dos seus ministérios” (24). Por seu lado, a Comunidade, na Igreja local, deveria ser um incentivo a viver com maior intensidade, a dimensão comunitária da Igreja. Assim, “a Igreja assume as comunidades religiosas e reconhece nelas uma das suas mais perfeitas realizações” (25).

No entanto, essa disponibilidade à Igreja Local, que faz saírem os Religiosos da sua auto-suficiência, encerra um grande risco. A Igreja

Particular culmina na pessoa frágil — “apesar de receber seu poder diretamente do Cristo Jesus” — (26), do Bispo, sua cabeça. Se o Bispo não tem visão pastoral e governa isolado na sua autoridade querendo prolongar tempos de cristandade, como vai se situar a comunidade religiosa? É um desafio para a fé. Convém ficar firme e coerente com a atitude atual da Igreja Universal, que quer ser “serva” dos homens, saber que “o Bispo é julgado pelo Colégio Episcopal” (27) e viver o mistério das “passividades redentoras” (28) que é o mistério da Cruz. Só uma fé alimentada por uma oração pessoal e comunitária, pode sustentar uma comunidade em tais condições.

IV — AS COMUNIDADES INTERCONGREGACIONAIS

A flexibilidade e a disponibilidade pedidas aos religiosos pelos Bispos latino-americanos, reunidos em Medellin, foram tais, em certos Institutos e Congregações, que permitiram ou mesmo ampararam e sustentaram a formação de comunidades intecongregacionais.

Neste capítulo, falaremos da composição, da motivação, da vivência e do trabalho de tais comunidades, analisando, em seguida, certas vantagens e riscos inerentes a estas experiências.

Aliás, o termo intercongregacional é inadequado para cobrir uma realidade bem mais ampla; devemos falar, antes, em comunidades mistas, nas várias acepções da palavra.

Com efeito, as comunidades não se compõem só de religiosos e religiosas de diversas Congregações mas às vezes abrangem religiosos e religiosas, irmãos, leigos e leigas.

A maior diversificação revela-se na constituição dessas comunidades: aqui, encontramos cinco irmãs de três congregações diferentes; ali, um padre, um irmão leigo, uma religiosa. Outras comunidades são as mais numerosas, formadas, por exemplo, de dois religiosos, seis irmãos, e um leigo, ou de três irmãs representando três congregações, uma leiga e dois seminaristas; ou ainda comunidades maiores de padres, religiosas, leigos e leigas consagrados.

A diferença de nacionalidade entra também em jogo, embora em menor diversificação, pois a tônica é altamente brasileira.

Uma ampla heterogeneidade de idade se manifesta entre os componentes, que têm de dezoito a setenta anos.

O que motivou a constituição destes grupos que querem ser comunidades?

Aqui encontramos também uma grande variedade. A **grosso modo**, distinguiremos três grupos de razões: a) A contestação de uma situação. b) A resposta a um apelo preciso. c) A busca de uma maior autenticidade e atualização do testemunho de vida religiosa.

Certas religiosas desejariam gozar de liberdade maior, a fim de poderem levar uma vida mais adulta e mais dedicada ao próximo. A resolução de ingressar num pequeno grupo, foi um tanto contestatória do modo de viver da grande comunidade e do desperdício de forças inerentes à mesma. A comunidade, entre muitas funções e significados, é um meio para que seus membros atinjam toda a sua dimensão humano-espiritual. A "Populorum Progressio" contém alguns itens oportunamente aplicáveis à vida religiosa: à disposição de renúncia de uma pessoa que ingressa num Instituto, corresponde o dever deste de lhe proporcionar meios para o desabrochar, tão plenamente quanto possível, de suas possibilidades criativas.

No entanto, na maioria das vezes, a motivação das comunidades

intercongregacionais foi uma resposta a um apelo da Igreja Particular, na pessoa do seu Bispo, ou da Igreja Local, ou a necessidade de quem assumisse obras difíceis, tais como hospitais, em terra de Missão. Assim se formaram as famosas equipes polivalentes que querem responder, numa zona inteira, aos múltiplos requisitos de uma evangelização baseada na promoção humana integral. Tais equipes são formadas por catequistas, animadores de comunidades de base, assistentes sociais, enfermeiras, etc. Os componentes destas equipes, cuja principal missão é suscitar comunidades de base, que possibilitem a vivência da fé e da caridade, "se sentem impedidos de falar em comunidades se eles mesmos, entre si, não a realizam" (29).

Enfim, uma terceira motivação foi a busca de um maior sentido para a vida religiosa, no mundo de hoje. Procuram-se novas formas que sejam inserção na realidade secular, através das opções profissionais ou que expressem a vida cristã à imagem da comunidade primitiva ou, ainda, que aprofundem a dimensão espiritual e escatológica da vida religiosa, pelas casas de oração. Na prática, às vezes, há fusão de várias motivações.

Em que consiste a vivência comunitária?

Ela abrange, desde a partilha espiritual, até as refeições e folgas em comum, passando pelo trabalho integrado. Em primeiro lugar, colocamos a partilha espiritual na Eucaristia, no Ofício Divino, na me-

ditação da Palavra, em comum. A Liturgia é o culto da vivência comunitária nos pormenores da vida. Ela desabrocha, como uma flor, neste terreno, mas também ela dá sentido e é o meio indispensável para manter a comunidade unida.

Quanto ao trabalho, ele se faz em entrosamento com toda a equipe. Cada membro tem sua tarefa específica, que foi combinada com todos. Há uma dinâmica de planejamento, de atuação e de revisão, que é assumida pela comunidade, como um todo. Isto não impede a devida margem de liberdade necessária a cada pessoa.

Precedendo os planos de ação faz-se uma enriquecedora troca de pontos de vista. Nestas colocações, geralmente, cada um revela o que tem de melhor. A experiência de cada membro dá, aos planos, uma base mais ampla e mais realista.

Além de rezar em comum e do entrosamento nos respectivos trabalhos, os irmãos alimentam-se juntos: as refeições em comum, simplificam o trabalho e reduzem as despesas.

No entanto, as residências masculinas e femininas são, em geral, separadas. Senão forem atendidos os requisitos de elementar prudência, a experiência está fadada ao fracasso.

Esta vivência comunitária mereceria análise aprofundada. Contentar-me-ei em apontar algumas vantagens e assinalar certos riscos. O critério do balanço positivo será o que concorre ao crescimento do Reino, em cada pessoa, na pequena

comunidade e na grande comunidade eclesial?

A vida comunitária, dir-nos-ão os psicólogos e sociólogos, leva a uma multiplicidade de relacionamentos, ao mesmo tempo ricos e ambíguos. "Precisamos da provocação dos outros, para nos fazer sair da inércia e nos impelir a realizar nossa vocação" (30). Diante do outro, dificilmente a pessoa fica neutra. Ela tem vontade ou de fusão ou de rejeição. Portanto, o respeito e a valorização do outro não são espontâneas. A vida religiosa, requer vivência de reciprocidade, de estímulo mútuo, no dar e no receber, em vista de ser mais, para melhor realizar a meta comum.

Como explica delicadamente J. M. Tillard, "cada rosto leva um mistério, uma mensagem, a possibilidade de uma surpreendente descoberta. Face ao outro, eu me afirmo em minha originalidade, entrego-me à sua influência, na medida em que admito que sua riqueza concorre a criar minha própria história e a tornar-me eu mesmo. Nós nos inventamos reciprocamente, nesta comunicação, em que cada um dá e pede" (31). É através deste jogo que o grupo toma a sua feição.

No caso de comunidade mista, o relacionamento mútuo habitual dificilmente ficará num nível de simples complementariedade de trabalho. Aliás, seria isso desejável? Como colaborar efetivamente, sem que nasçam amizades? E não há de admirar que amizades entre pessoas de sexos diferentes levem a polarizações, encaminhando diretamente à conjugabilidade. A opção pelo ce-

libato, por causa do Reino, não modificou a natureza do ser. É preciso estar de olhos abertos, ter o coração puro, o que é fruto de um humilde e terno relacionamento com o Senhor Jesus — e não ter a temeridade de se constituir único árbitro em caso pessoal, mas submetê-lo a pessoa espiritualmente experimentada.

De outro modo, sabemos o que acontece: os dois, atraídos, racionalizam seu modo de agir, levam vida dupla, que não tarda a se tornar conhecida, para máguia do grupo e escândalo do povo de Deus. Portanto, é preciso ser prudente, para que o relacionamento não seja habitualmente a sós, entre pessoas de sexos diferentes, mas que seja realmente grupal: todos como irmãos, transparentes uns aos outros, querendo o bem dos outros. Isto em primeiro lugar, fortalecendo-os no seu projeto de vida, sua vocação de seguimento de Cristo, a serviço do Reino.

Nesta linha de conduta, não pode haver meias medidas. O encaminhamento para a conjugabilidade nem sempre é percebido, pois, habitualmente, a intenção inicial foi excelente: cada qual quer ajudar o outro, quer o bem do outro; mas ele satisfaz o outro na linha barata do prazer sensível e não se dá conta de que, agindo assim, está levando o outro a um rumo que não é sua vocação, nem seu projeto primordial.

Se não se toma resolutamente o caminho da disponibilidade no serviço apostólico, mas se se fazem concessões, isso seca, na sua fonte,

a fecundidade espiritual. É coisa muito séria, pois a pessoa perde o sentido de sua opção de vida, e, portanto, diminui a percepção da sua identidade e não tarda a se achar desajustada.

Pelo contrário, saber agüentar a solidão e as renúncias inerentes ao celibato por causa do Reino, cria na pessoa “espaços de paz” e cava uma disponibilidade na qual, vez por outra, o Cristo faz sentir que, “seu jugo é suave” (32). Assim, “os momentos de solidão se transformam em momentos de intensificação de uma solidariedade maior” (33).

Por analogia ao que se escreveu a respeito do sacerdócio, a Vida Religiosa “comunica ao religioso reservas de silêncio, de oração, de trabalho solitário que lhe permitem não se sentir deslocado em lugar nenhum e viver em paz, aconteça o que acontecer” (34).

Vivendo neste espírito e com prudência, grandes benefícios brotam da comunidade mista. Os homens tornam-se mais dóceis, delicados, humanos; as mulheres superam seus ciúmes e suas complicações; a vida é mais alegre, a equipe de trabalho enfrenta com mais coragem as dificuldades.

E sabemos que o trabalho destes grupos é, geralmente, muito pesado, absorvente, provocando um grande desgaste. Penso nas equipes de evangelização. Elas exigem um deslocar contínuo, uma vida de nômade, que tem que se adaptar a todas as condições de alojamento e alimentação. Sua disponibilidade tem

que ser total. Quando não são eles que vão aos povoados, é o povo que vai a sua casa, cuja porta está continuamente aberta para atender, confortar, partilhar das alegrias e penas alheias.

Será interessante sublinhar o proveito de tais equipes para a promoção da mulher. Enquanto no campo social, econômico e mesmo político, aos poucos, a mulher toma seu lugar, no mundo religioso seu papel de colaboradora efetiva está ainda muito acanhado. Não que ela venha a ocupar lugar na cúpula hierárquica da Igreja, mas não lhe devem ser reservadas apenas tarefas de execução. É preciso introduzi-la nos momentos-chaves das discussões, que preparam as decisões, pois sua percepção intuitiva

é amplamente enriquecida. Ora, as equipes integradas sabem aproveitar dos dotes específicos masculinos e femininos.

No entanto, a vida de comunidade não é somente caminho florido. Tem seus espinhos. Os membros das fraternidades fundadas sobre o Cristo pedem e dão, mutuamente a maior forma do amor entre criaturas limitadas e pecadoras, que é um incessante perdão: perdão por ser o que são, com seus defeitos temperamentais e morais, que dão, muitas vezes, vontade de se rejeitarem mutuamente; mas também, agradecidos uns aos outros por toda a riqueza, o encanto, o imprevisível de suas pessoas, cujo mistério é inesgotável.

V — PISTAS PARA O ÊXITO DAS COMUNIDADES INTERCONGREGACIONAIS

Após a descrição e análise de alguns problemas das comunidades intercongregacionais, apresentamos algumas pistas para o seu êxito. Elas se referem aos princípios que deveriam reger sua constituição, à atitude dos membros frente aos seus respectivos Institutos e finalmente, aos benefícios que podem brotar desta experiência, a fim de que elas sejam não somente toleradas, mas assumidas pelos Institutos.

Em primeiro lugar, a formação de tais comunidades não pode ser deixada ao sabor das circunstâncias ou ao capricho de pessoas problemáticas que, sob a capa de um

ideal maior, tentam uma válvula de escape.

O fundamento da comunidade religiosa não é o chamado do sangue, como acontece na família, nem mesmo a atração da amizade, mas o desejo de viver a fraternidade cristã, que é dom de Deus. Portanto, é pela percepção e análise dos sinais, que Deus nos dá, através das necessidades do seu Povo, num diálogo com a legítima autoridade, que descobriremos se convém ou não formar tal tipo de comunidade. Se não houver este espírito de pobreza, por parte dos seus componentes, de antemão a comunidade

põe em risco o êxito do seu caminhar.

Segundo: as pessoas devem ser atraídas para este tipo de vida e empreender, de bom grado, a experiência. Assim, se de um lado a participação na comunidade não deve ser simples fruto de vontade pessoal, por outro lado não pode ser imposta pela autoridade religiosa, em nome da obediência.

Quanto às aptidões para enfrentar tal vivência, resumi-las-ia numa só, pois é fruto de um equilíbrio, conseguido no Cristo Jesus: a maturidade. Isso significa que as pessoas devem ser **objetivas** e **realistas**, ver os outros e as coisas como são; **dinâmicas**, isto é, criativas e dadas, com firmeza de espírito, sabendo ligar a rotina do quotidiano a um objetivo de maior alcance, e, principalmente **definidas**, fazendo de sua opção pelo Cristo, na vida religiosa, o critério absoluto de sua vida (35).

Vejamos, agora, como se situam os membros em face dos respectivos Institutos. É bom que tenha havido certa decepção desde que não seja rejeição — frente ao Instituto e, principalmente, consigo mesmo. É prova de maturidade não temer a decepção, mas superá-la. Para Bonhoeffer “é **condição**, a fim de que Deus nos faça conhecer o que é a comunidade cristã autêntica e para que nos unamos aos nossos irmãos, não mais com nossas exigências, mas com o coração reconhecido e pronto para receber” (36).

Portanto, formar uma comunidade não é levar uma vida realizada,

no sentido de vida folgada, como se já estivéssemos gozando do paraíso terrestre. “O esboço do futuro prometido mergulha, inexoravelmente, na carne de todo presente inacabado. Porisso, paz com Deus significa conflito com o mundo” (37). A paz e a felicidade brotam do esforço para agüentar a tensão, impedindo que degenerem em conflito, mas constitua uma provocação para nossa criatividade e progresso (38).

Não é isso mesmo o projeto religioso? Publicamente nos engajamos, a fim de nos esforçar para viver o ideal evangélico. Isso leva a uma luta, a uma desinstalação contínua. Só na Parusia atingiremos a paz perene, a felicidade completa. De vez em quando antegozamos essa paz e essa felicidade. São como “**flashes**”, que fazem entrever a felicidade eterna.

De modo especial, a situação de tensão se aplica aos religiosos, que integram comunidades intercongregacionais, pois a dupla pertença traz certos dilemas.

Para que o conflito não seja causa de destruição, mas de progresso, é preciso que ele seja visto não só na perspectiva do momento presente, mas dentro do desenrolar total da vida religiosa. É bom perguntar: quem foi que nos proporcionou uma experiência mais profunda do Cristo, que acelerou nossa caminhada na vida espiritual, que sustenta nossa opção de vida, frágil nos seus passos principiantes e, antes, nos permitiu de fazer tal opção, pois nos acolheu, senão a nossa família religiosa? Quem nos

ampará quando nossas forças declinarem, senão esta mesma família?

Para mim não resta dúvida: antes de pertencer à comunidade intercongregacional, pertenço ao meu Instituto. Como toda a realidade humana, ele tem as suas falhas e limites, mas será que não tenho a minha parte de responsabilidade nas mesmas?

Portanto, já de antemão, se houver conflito, a escolha é para fidelidade ao primeiro amor, embora, no momento, ele possa se apresentar menos atraente.

O que é fidelidade, senão um assumir junto, na felicidade e na desdita, um compromisso recíproco, perene?

Os jovens religiosos sejam pois formados na fidelidade. Para ser pessoa, é preciso optar e permanecer fiel à sua opção. De outro lado, os Institutos sejam flexíveis, disponíveis para, apesar dos riscos, permitir novas experiências. Se a Igreja já ultrapassou as fronteiras que a segregavam do mundo, com mais facilidade devem ser postas abaixo barreiras entre pessoas que fazem a mesma consagração básica ao Cristo. Uma autêntica comunidade intercongregacional manifesta os laços efetivos da comunhão que unem as Congregações.

A abertura prudente para experiência de comunidades intercongregacionais pode ser benéfica aos Institutos, sendo oportunidade de receber um sangue novo e, principalmente, contribuir para abrir caminhos a uma vida religiosa autêntica e atualizada. A regra de

ouro é que a Província assuma a missão em tais comunidades e não um religioso ou uma religiosa, isoladamente. Uma troca periódica de membros é desejável. Isso não significa que os membros sejam simples peças de uma máquina, substituíveis, por isso, com razão, provocaria frustrações; mas para desempenhar seu serviço eclesial, o religioso deve se alimentar, em primeiro lugar, na fonte de sua congregação.

Pessoalmente, acho desejável, sempre que possível, que haja dois ou três membros da mesma congregação, integrando a mesma comunidade intercongregacional. Além de dar maior segurança, esta solução resolve a situação jurídica, pois o grupo do mesmo Instituto pode ser considerado como formando uma pequena comunidade, ligada a sua respectiva Província.

Quando se tratar de membros isolados, a não ser que haja possibilidade de uma volta semanal à uma comunidade do Instituto, a Superiora Provincial dará a permissão de ausência, sempre possível quando se trata, não de capricho, mas de serviço eclesial. Ela será renovada anualmente, desde que a pessoa fique em dependência efetiva do Instituto.

CONCLUSÃO

Será que as comunidades intercongregacionais constituem uma experiência descabida, que apressarão o desaparecimento dos Institutos Religiosos, "a Igreja Local

absorvendo as congregações e a comunidade familiar, composta de casais, de religiosos, de religiosas, substituindo a comunidade religiosa tradicional", segundo a tese defendida pela Dra. Ruether (39)?

Em minha opinião, as comunidades intercongregacionais são um encaminhamento a um novo tipo de comunidade religiosa. O Concílio desfez a idéia de que a perfeição fosse reservada ao clero e aos religiosos. Sempre mais leigos engajados são testemunho de uma vida segundo o Evangelho e, para assegurar seu projeto de vida, não raramente, como vimos no início deste trabalho, eles se juntam em comunidade. Ora, é interessante notar que, para firmar este projeto, eles procuram integrar, na sua vivência, religiosos e religiosas autênticos.

Se os Religiosos podem desempenhar a missão de ser focos de vida comunitária é por causa da sua vocação específica vivida num Instituto.

As comunidades intercongregacionais ou a participação de religiosos em grupos de grandes comunidades familiares não levam à supressão dos Institutos; pelo contrá-

rio, como confirmam vários depoimentos, os religiosos se sentem ligados a eles de maneira mais consciente.

O segundo plano bienal da CNBB insiste para que os religiosos, por seu modo de ser, incentivem a vivência comunitária na Igreja local (40). Com efeito, os votos, retamente vividos, permitem maior disponibilidade ao próximo, qualquer que ele seja.

Em nossa época, não são tanto indivíduos, — como acontecia outrora, — que abrem rumos novos, mas equipes integradas e comunidades unidas. Hoje mais que nunca no decorrer da história, a renovação da Igreja se fará por autênticas comunidades cristãs.

"O Cristo ressuscitado prepara uma primavera da Igreja. Uma Igreja que seja lugar de comunhão visível para toda a humanidade. Ele vai nos dar bastante criatividade e coragem para abrir o caminho da reconciliação" (41).

Sejam as comunidades intercongregacionais, o sinal vivo da atuação do Espírito do Senhor ressuscitado que quer congregar todos os homens na casa do Pai.

NOTAS:

1. NELSON DE ARAÚJO QUEIROZ, SJ, *Correio Comunitário*, página 7. Notas que serão publicadas no livro "Comunidades Desabroçam", em Edições Loyola.

2. J. M. R. TILLARD, OP, **La Communauté Religieuse**, página 490, em *Nouvelle Revue Théologique*, maio 1972.
3. PAULO VI, **Alocução aos Bispos da Itália**, 19.VI.71, citado na *Revista Pro Mundi Vita*, n.º 41, 1972, página 4.
4. PAUL ANCIAUX, **Communauté et Esprit Religieuse**, página 156, citado no livro *La Communauté, Relation de Personnes*, Ed. Desclée de Brouwer, 1967.
5. **Correio Comunitário**, o.p.
6. **Correio Comunitário**, *A Sociedade dos Irmãos, Burderhofs*.
7. **Correio Comunitário**, *Jovens de Musigati, Burundi*.
8. MAX DELESPESE, **Révolution Evangélique**, citado por *Correio Comunitário*, o.c.
9. J. M. R. TILLARD, OP, o.c. pág. 489
10. PAULO VI, **Evangelica Testificatio**, 29.VI.1971.
11. XAVIER LÉON DUFOUR, **Diccionario de Teologia Bíblica**, Ed. Vozes, verbete "carisma".
12. *Perfectae Caritatis*, n.º 1.
13. J. COMBLIN, **A vida religiosa como carisma**, em *Grande Sinal*, outubro 1970, página 588.
14. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ, Prefácio do livro de Irmã Teresa Lédochowska, OSU: *Santa Ângela Merici e a Companhia de Santa Úrsula à Luz de Documentos*, página 4.
15. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ, o. c. página 5.
16. F. SIMÃO VOIGT, OFM: **A Vida Religiosa como Carisma**, em *Grande Sinal*, janeiro 1969, página 71.
17. *Perfectae Caritatis*, n.º 1.
18. 1 Pedro 4, 11.
19. **Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina**, Documento da CLAR, 1973, páginas 42-43. Edições CRB, Coleção *Vida Religiosa*, volume n.º 9.
20. THADDÉE MATURA, **Criar uma Comunidade Religiosa Hoje**, em *Grande Sinal*, março 1973, página 141. Tradução de *La Vie des Communautés Religieuses*, setembro 1972.
21. ANNE TERRUWE, **Chrétiens sans Complexe**.
22. J. COMBLIN: **Comunidades Eclesiais e Pastoral Urbana**, em *REB*, dezembro 1970.
23. A. AUTRAN, *Convergência*, abril 1973, página 24.
24. RENÉ ROGER: **Les Religieux dans l'Eglise Locale**, em revista *Vocation*, n.º 255, julho 1971.
25. RENÉ ROGER, o. c.
26. J. ROMER: **Conferência às Superiores Gerais Brasileiras**, abril de 1973.
27. J. ROMER, o. c.
28. Conforme as obras de Teillard de Chardin.
29. Resposta ao questionário do inquérito.
30. VALFREDO TEPE, OFM, **Diálogo e Auto-realização**, Ed. Mensageiro da Fé, página 15.

31. J. M. R. TILLARD, OP, **La Dimension Fraternelle**, em *Nouvelle Revue Théologique*, Fevereiro 1973, página 160.

32. Mt 11, 30.

33. NELSON CARLONI, SJ, **Espiritualidade Sacerdotal**, Subsídios para o Projeto 4.3.1 do Plano Bial 73/74 da CNBB: Capacitação de Animadores de espiritualidade sacerdotal.

34. NELSON CARLONI, SJ, o. c., página 4.

35. Inspirado em um documento reservado a um Instituto Religioso.

36. DIETRICH BONHOEFFER, **La Vie Communautaire**, Ed. Foi Vivante, página 22.

37. J. MOLTSMANN, **Théologie de L'Espérance**, página 1.

38. Inspirado no artigo de Valfredo Tepe, OFM, **A Força**, em *Grande Sinal*, 1968 e de Conferências de J. B. Libânio e Leonardo Boff.

39. ROSE MARY RUETHER, da Universidade de Howard, EUA: **O Desaparecimento da Ordem Religiosa e a Nova Comunidade Humana**, publicado no CICAL.

40. Segundo Plano Bial de Atividades dos Organismos Nacionais da CNBB, 1973/1974, páginas 21 e 22.

41. TAIZÉ, **Mensagem para o Concílio dos Jovens**, em agosto de 1974, em *Fêtes et Saisons*, Abril 1971, página 5.

Seria interessante reler o estudo feito pela socióloga Sebastiana R. de Brito, publicado em *CONVERGÊNCIA*, outubro 1970, sob o título: Pesquisas sobre as Pequenas Comunidades.

1. Introdução

1.1. O termo “amadurecimento” sugere uma realidade em evolução de um estado inicial, imperfeito, imaturo, a um estado final, perfeito, maduro.

As imagens que unimos a esses conceitos são tiradas do reino vegetal, onde há uma evolução da semente para a árvore, do botão para a flor e o fruto.

AMADURECIMENTO DA PERSONALIDADE DO JOVEM ENTRE 15 E 25 ANOS

PE. OSCAR MUELLER, SJ

Na aplicação à vida humana devemos tomar cuidado, pois no homem há algo de absolutamente novo: o homem é espírito em matéria. O conceito de evolução, no homem só em parte se verifica. No seu corpo há a evolução animal: de jovem se torna adulto, fica velho e morre; crescimento — duração — dissolução. No seu espírito há um princípio imaterial: levando o corpo ao crescimento — duração — dissolução, o espírito no homem, o seu Eu, tem justamente a tarefa de orientar a evolução corporal e, cumprindo esta tarefa, ele está crescendo sempre, até entregar o seu espírito às mãos do Criador.

1.2. Então, se falamos do amadurecimento da personalidade do jovem na faixa dos 15-25 anos, não negamos que o processo de amadurecimento dura toda a vida, chegando ao termo apenas na hora da morte. Dirigimos, porém, nossa atenção aos jovens desta idade, porque a evolução, nestes anos, tem um ritmo acentuado e decisivo, embora não desconhecamos a importância do que precede e do que segue. Na vida do homem cada momento tem sua importância, em cada momento da evolução devemos lhe dar toda a atenção e todo o cuidado.

Também nos devemos dar conta da essencial relatividade do conceito de perfeição (maturidade). Perfeito = feito totalmente para não acrescentar mais nada, o homem só será na ressurreição, quando Deus nos fará como ele nos planejou ao nos criar para que sejamos semelhantes à imagem de seu Filho, para que o conheçamos como somos conhecidos, isto é, realizados até a última fibra do nosso ser. No céu ainda poderá haver evolução, mas só no positivo, não "falta" mais nada.

O homem pode ser perfeito em cada momento do crescimento, quando ele é o que deve ser aos

5 meses, aos 5 anos, aos 15... especialmente no momento da morte, não importa quando ocorra. Está feito o que até aquele momento podia ser feito.

1.3. Contudo, existe uma situação de perfeição que convencionalmente chamamos de idade adulta, maturidade. E a evolução a esta maturidade justamente se coloca entre os 15-25 anos.

Por que o homem aos 25 anos pode ser chamado maduro, adulto? A lei estabelece um termo médio, 19 ou 21 anos, por conveniência social que se baseia no que acontece normalmente, pois é evidente que a maturidade do homem não pode ser decretada por lei nem acontece em todos no mesmo momento exato da vida. Mas até aos 25 anos a maior parte dos homens chega a um amadurecimento suficiente para caminhar na vida de modo que, por si mesmo, pode satisfazer às tarefas que a vida lhe vai colocando, também em situações difíceis.

Então o jovem que nós formamos ou acompanhamos na sua evolução deve chegar a isso: aos 25 anos, tenha em si a capacidade de solucionar bem as tarefas que a vida lhe vai colocando, também em situações difíceis.

2. Aspectos característicos

A época dos 15-25 anos é importante para o amadurecimento, porque neste espaço de tempo acontece no organismo humano uma co-

mo explosão que abre ao jovem o acesso a dimensões do Eu até então desconhecidas, inexploradas. Ele começa a viver numa profundidade nova, dentro do seu Eu e em relação ao Eu do outro, ao Tu. Surgem nele forças elementares ainda incontroladas. Estas forças novas podem ser caracterizadas pelos aspectos de amizade, sexualidade, serviço.

2.1. Amizade

2.1.1. Um fenômeno importante no processo de amadurecimento é a amizade. Há amizade de crianças, amiguinhos que são companheiros de brinquedos, travessuras, festas de aniversário, escola. São amizades superficiais. No tempo da puberdade, surge a amizade séria que às mais das vezes dura toda a vida. É um acontecimento espontâneo natural, mas de influência decisiva na evolução da personalidade.

Até este momento o menino/jovem tinha sua identidade pouco desenvolvida. A gente se dirigia a ele como ao filho de tal, membro de tal família e ele se sentia assim. Com o surgir da amizade isso muda radicalmente, pois os amigos, filhos de tal e de tal, descobrem que são escolhidos como amigos justamente não como filhos de tal — os seus irmãos também o são — mas por ser ele, Paulo, preferido pelo amigo ao irmão Pedro. Portanto, escolhido por seus valores pessoais.

É a descoberta do valor pessoal, individual, inconfundível, próprio só dele, Paulo. Valor que faz seu ami-

go o querer bem como se fosse irmão, alargando, portanto, a ele, pessoa estranha à família, o amor fraternal. E ele, respondendo com atitude igual, encontram ambos no amigo a ponte para sair do círculo familiar sem perder o relacionamento fraternal, mas estendendo-se a outros como a irmãos. Assim a amizade se constitui como base para um relacionamento fraternal com todos os homens, a fraternidade universal.

2.1.2. Agora o indivíduo Paulo, filho de tal, sabe que é amado por alguém estranho que descobriu o seu valor pessoal. Isso lhe dá confiança de poder ser amado e estimado por qualquer um que descobrir o seu valor pessoal. Esta certeza lhe dá coragem para enfrentar o encontro com os homens. Descobrendo o seu valor, eles hão de estimá-lo e amá-lo. Ele o experimentou pessoalmente, concretamente, no seu amigo. E ele sente em si um estímulo fortíssimo para desenvolver este valor que é só dele, para renovar a felicidade que experimentou no encontro com o amigo, na descoberta da sua amizade. Ele sabe agora que a maior felicidade do homem consiste em tal encontro amigo, onde cada um coloca para o crescimento do outro tudo que ele é e possui.

Mas ele viu também que nem todos se fizeram seus amigos, pois nem todos chegaram a conhecê-lo mais de perto e nem todos apreciaram igualmente os seus dons. A amizade depende de certos condicionamentos e sempre é um dom livre do outro. Amizade não se pode forçar. Amizade só se pode dar e receber.

2.1.3. A partir da amizade há, pois, em Paulo, estas atitudes:

- Admiração e gratidão pela descoberta do valor pessoal, feita através do amigo.

- Experiência da beleza do encontro fraternal e do aumento de capacidade de doação.

- Confiança em enfrentar a sociedade, onde poderá encontrar outros amigos.

- Esforço para se dar a conhecer aos outros, pois sem isso não pode surgir nova amizade.

- Capacidade de colaborar com outros numa conjugação de esforços que exige renúncias ao próprio ponto de vista e a vantagens individuais.

- Disposição fundamental de oferecer a todos tal amizade enquanto depende de mim.

- Modéstia em admitir que nem todos podem ser igualmente amigos.

- Desejo de ter Cristo como amigo de toda hora.

2.2. Sexualidade

2.2.1. A idade dos 15-25 anos é a época em que desperta e se desenvolve a sexualidade. Distinguiremos dois aspectos da sexualidade: A sexualidade enquanto determinação especial de ser e de se expressar da pessoa; ela é sexuada, tem formas ou masculinas ou femininas (ou mistas) de viver sua vida humana. A sexualidade enquanto uso do sexo no relacionamento íntimo entre homem e mulher (genitalidade).

2.2.2. Estamos numa época de valorização do sexo em ambas as significações, contra uma acentuada desvalorização ocorrida no passado. Há então hoje em muitos casos uma super-valorização. Isso nos obriga a uma renovação de perspectivas, motivações e orientações no campo da sexualidade. O fenômeno, já por si complexo, torna-se mais complexo ainda pela diferença de atitudes da geração velha em relação à nova, e pelos condicionamentos psicológicos colocados na criança que influem fortemente na atitude sexual da pessoa adulta.

2.2.3. Hoje é pacífico que a sexualidade enquanto orientação sexuada da pessoa é um dom precioso que deve ser conhecido, estimado e cultivado. O progresso das ciências fez com que o homem, o jovem principalmente, tem a aspiração de tudo conhecer, não só no universo das coisas, mas também no universo que é o homem mesmo. Conhecer as maravilhas que Deus fez no corpo humano, também as maravilhas e diferenças do sexo. Isso é natural e justo e impossível de ser proibido.

O problema está em saber como introduzir neste conhecimento de modo que leve à atitude justa diante destes valores. É um problema que aliás se impõe em todos os campos da ciência. Não basta conhecer, deve-se saber usá-lo em benefício do homem, segundo a vontade do Criador. Aqui muita coisa deveria ser dita e refletida.

Concluo: o conhecimento das coisas do sexo, do próprio e do diverso, é necessário e salutar, con-

tanto que seja acompanhado do crescimento correspondente de responsabilidade pessoal.

2.2.4. A sexualidade enquanto uso da genitalidade no relacionamento homem-mulher tem a sua estruturação que, nos últimos tempos, atraiu muitos estudos e pesquisas. Estes a descobertas interessantes que ajudaram a compreender melhor o funcionamento e o significado profundo deste relacionamento. Estas mesmas descobertas, porém, manifestaram a diversificação natural de muitas situações, neste campo, o que leva a uma diferenciação na aplicação dos princípios orientadores que, em rigor, são os mesmos de sempre, os do Evangelho.

Formulemos então umas dicas fundamentais.

a) O relacionamento sexual é a maneira natural pela qual o homem e a mulher mutuamente exprimem e confirmam a decisão de se assumirem em sua existência total até a hora da morte para que ambos tenham a vida e a tenham em abundância, incluindo a procriação e educação de filhos.

b) O relacionamento sexual é a expressão naturalmente máxima do amor entre o homem e a mulher. Mas o amor é mais que o relacionamento sexual e pode e deve ser vivido sem ele (antes do casamento, com outras pessoas além do casal, na viuvez, no celibato...). Se não for expressão e aumento do amor entre as pessoas, é gesto vazio, abuso e frustração das forças sexuais.

c) O relacionamento sexual é preparado por gestos expressivos de carinho, carícias, aproximação dos corpos. Há um campo exterior, dentro do qual esses gestos são expressão natural de amizade e bemquerer, admitida e regulada pelo costume da sociedade. Na grande mudança de atitudes em relação à sexualidade hoje, os costumes do passado são sentidos como superados, inadequados, introduzindo-se limites muito fluidos daquilo que é da amizade comum e daquilo que é reservado aos casados (namorados, noivos...). No tempo do crescimento para a maturidade deve haver oportunidade para o relacionamento de amizade hétero-sexual.

d) Verificada a complexidade do fenômeno sexual, constatamos a dificuldade de introduzir os jovens na compreensão profunda e orientação responsável da sexualidade.

Há uma atitude superficial de quem só vê uma parte do complexo total e age conformemente a esta visão parcial. Assim se devem julgar os jovens que vêem no relacionamento sexual uma simples expressão e experiência de amizade e de amor. Estes jovens, no caminho do amadurecimento, hão de ser guiados pacientemente até compreenderem e assumirem a sexualidade no seu sentido autêntico e profundo.

e) Nesta visão profunda, o celibato por causa do Reino de Deus é ser homem ou mulher (sexuados) em plena dedicação de amor sem a expressão sexual-genital, testemunhando assim que: O amor é mais que relacionamento sexual. O amor é nutrido fundamentalmente pela

união a Cristo (Deus). A renúncia ao relacionamento sexual é particularmente fecundo para que o homem se encontre com Deus e se dedique ao amor fraternal entre os homens.

2.3. Serviço

2.3.1. Com o conhecimento melhor do Eu e com a descoberta do outro como amigo-irmão surge a compreensão e procura daquela suprema realidade à qual o homem é destinado e que se chama comunhão..

E como todos, em nós mesmos, somos pobres, necessitados do outro, seja para viver e crescer, seja para ser felizes e plenamente realizados, conjugam-se numa mesma dedicação de serviço as duas tendências fundamentais da pessoa: ser Eu e ser para o outro. As duas tendências se condicionam mutuamente. Não posso ser Eu sem a dedicação aos outros. E a dedicação aos outros tem tanto maior valor, quanto mais eu for Eu, no desenvolvimento de todas as minhas potencialidades.

2.3.2. Assim o serviço (trabalho, profissão) se apresenta como realização do Eu: trabalhando, servindo, criando desenvolvo a mim mesmo, tornar-me-ei realizado, rico, poderoso, capaz de arrancar à natureza os seus segredos, dominar as suas forças e imprimir-lhe a minha imagem, expressão daquilo que sou, encontrando a mim mesmo nas obras de minhas mãos, aspiração suprema, exaltante, que desperta todas as forças latentes no Eu, tornando-o herói.

2.3.3. Ao mesmo tempo o serviço (trabalho, profissão) se apresenta como dedicação ao outro. Na experiência da amizade se descobriu o limite intransponível da realização do Eu que é constituído pelo Eu do outro, o Tu. O Tu não é disponível para mim senão em liberdade. Não lhe posso imprimir minha imagem, entrar em comunhão com ele, se ele não quiser, se ele não o permitir livremente. Comunhão, suprema aspiração do homem, não se realiza com as coisas, mas com pessoas, e só em liberdade, em respeito mútuo, em aceitação plena do outro como homem livre que dispõe de si como quer, abrindo-se ao outro ou se fechando.

2.3.4. Toda realização do Eu, através do trabalho, não tem sentido, se ele não leva à comunhão com o Tu. Por isso o trabalho se torna serviço, oferta de comunhão, para ver se o outro aceita, se o outro se abre à comunhão comigo.

Naturalmente há outros aspectos do trabalho profissão. Mas o mais profundo e essencial é este: realização do Eu no serviço do Tu, para a comunhão entre ambos. E como o Tu individual não satisfaz nunca à minha capacidade de comunhão, o trabalho é serviço de todos, para, com todos, entrar em comunhão.

Vivendo assim o trabalho-profissão-serviço, surge no homem a alegria da realização de si e do outro, na esperança e no crescimento progressivo da comunhão que se vai verificando. Esta alegria profunda merece ser cultivada com esmero.

2.3.5. Se o trabalho é serviço oferecido ao outro, é este outro quem se torna a medida do meu serviço. Não lhe posso servir em algo que ele não precisa nem deseja. E também ele não pode exigir de mim um serviço de que eu não sou capaz ou que eu não quero prestar.

Surge, pois, a procura do equilíbrio concreto e difícil entre aquilo que serve ao outro. Equilíbrio só alcançável pelo diálogo de amor, em que cada um se contenta com aquilo que no momento pode ser oferecido por ambos, numa sincera emulação de dar o melhor que cada um pode oferecer ao outro. A comunhão surge deste esforço e a alegria advém não tanto pela preciosidade do serviço prestado, mas pela comunhão estabelecida.

Os votos de pobreza e obediência têm aqui sua justificação e seu sentido. Não é a multidão dos bens que faz comunhão, mas a disposição sincera e concreta de serviço, no amor.

2.4. Comunhão

2.4.1. Amizade, sexualidade, serviço, estes três aspectos da vida do jovem envolvem relacionamento com os outros, exigem abertura aos outros. Ora, sabemos hoje melhor que nunca que a abertura ao outro que é o próximo, ao mesmo tempo é abertura ao Outro que é Deus. Na mentalidade dos jovens esta conexão do amor dos homens com o amor a Deus é evidente, embora nem sempre as implicações concretas deste fato sejam percebidas.

2.4.2. Pertence pois a esta fase da vida o cultivo e o desenvolvimento de uma autêntica relação de amor ao próximo que na vida religiosa se apresenta em dois níveis:

a) No nível da comunidade religiosa, como relacionamento fraterno, fundamental para a vida pessoal e de apostolado: Vida de amizade autêntica, sincera, confiante. Para isso é necessário o pequeno grupo (5-7 pessoas), de qualquer maneira que ele seja organizado. A relação de obediência é aceita e exercida dentro deste relacionamento fraterno.

b) No nível da comunidade dos homens, como serviço que se presta ao próximo para que também ele chegue à sua plena realização no encontro com Deus (fé e amor) que de sua vez exige o encontro fraterno com o próximo. Assim vai crescendo a fraternidade universal dos homens.

2.4.3. Ao mesmo tempo deve ser cultivada e desenvolvida a consciência (fé) da relação de amor de Deus para conosco e de nós para com Deus. O Evangelho nos anuncia a realidade desta relação. O homem que se dispõe a fazer o bem já ama a Deus e é por Deus amado, de fato, ainda que não se dê conta disso.

Mas o homem deve se dar conta desta verdade fundamental. Não se dando conta, ele não conhece toda a realidade da sua vida. É cego neste particular, vivendo na superfície. Não tem resposta para os problemas mais angustiantes da sua vida. Tudo é imagem de Deus e a Deus se refere. Não pode desfrutar

a felicidade plena que a comunhão com Deus lhe oferece. Só em Deus o coração do homem descansa. Portanto, Deus está na vida de cada homem, mas invisível. O que não é a mesma coisa que imperceptível. Deus nos faz perceber o seu amor no íntimo de nós mesmos de modo contínuo e multiforme, mas sempre nos dizendo a mesma coisa: "Estou contigo. Não temas. Eu te ajudo a a fazer o bem". O homem sempre pode ouvir esta voz, também no barulho, num momento brevíssimo.

Mas é natural que, havendo outras vozes fortes, a voz do Deus invisível não se perceba e que, para escutar e abrir-se a ela, deva haver atenção especial e deva haver certo silêncio de outras vozes, ao menos no início, até que se conheça esta voz, até que se saiba distingui-la das outras vozes. E ainda depois, para orientar nossa vida em conformidade com a Voz de Deus, precisamos de tempo de reflexão, assimilação, interiorização. Devemos esclarecer, motivar, estabilizar a linha da nossa conduta, baseados na comunhão com Deus, comunhão não só constante no serviço do bem.

2.4.4. Para haver maturidade, deve haver uma orientação na vida, um rumo certo ou, ao menos, que se julga certo. Seguindo este rumo, relativo como tudo que é criado, o homem se encontra com o Absoluto, com Deus, e pode jogar todo o seu amor, todas as suas forças. E o critério para esta maturidade não é o tempo que alguém dá à oração, mas a generosidade com que, apoiado no amor de Deus, ele serve ao próximo.

3. O Amadurecimento

3.1. O amadurecimento é um processo total

3.1.1. Embora a seguir devamos considerar várias linhas em separado, nunca podemos esquecer que a pessoa é uma unidade total, o ser mais complexo do universo, mas também o ser mais uno que existe. A maravilha é justamente a unidade formada pelo espírito neste organismo de milhões de células e processos diferenciados, tanto no espaço como no tempo. Tudo se orienta e concorre para o amadurecimento, o aperfeiçoamento daquilo que é o homem, o ser da pessoa, o Eu.

3.1.2. Esta unidade da pessoa, o Eu, é vivo, se move de dentro, por um princípio interior: o espírito em matéria. O espírito é o princípio unificador, animador, orientador. O homem maduro deve saber orientar sua vida pelos recursos que ele encontra em si e pode procurar em redor de si. Ma é ele que orienta, ele que caminha, ele que tem a última e inderrogável responsabilidade de todo passo que ele der. "Caíam mil à minha direita e dez mil à minha esquerda, eu não vacilarei". Esta responsabilidade deve ser dada ao jovem pelos educadores e ele deve ser levado a assumi-la corajosamente.

3.1.3. Ter a última responsabilidade e exercê-la por impulso interno não quer dizer que a pessoa não se deva orientar pela experiência e o conselho dos outros, pelos costu-

mes e a tradição que representa a sabedoria de séculos. **“Was du ererbt von deinen Vaetern hast, erwirb es um es zu besitzen”** (Goethe): o jovem não entra num mundo selvagem, mas numa humanidade que já caminhou, conquistou conhecimentos e fez experiências. **“Provai tudo e retende o que for bom”**.

3.1.4. Neste provar e escolher e decidir o espírito do homem não está só em orientar sua vida. Dentro dele fala um outro Espírito que nos diz que somos filhos de Deus e no qual clamamos: **“Aba, Pai”**. É o Espírito de Cristo, enviado para nos introduzir em toda verdade, numa nova situação existencial de comunhão de vida entre nós e Deus. Esta comunhão enriquece e redimensiona para o infinito as potencialidades humanas, de modo que tudo que é autenticamente humano, recebe uma atuação mais plena, mais harmoniosa, mais vigorosa. A assistência do Espírito Santo não diminui a liberdade do homem, mas a respeita, deixando-lhe inteira a decisão. O jovem deve ser acostumado a se abrir ao Espírito.

3.2. As linhas fundamentais do amadurecimento

Na totalidade una da pessoa há uma riqueza admirável que não pode ser vista devidamente senão considerando-a nos seus aspectos fundamentais. Trataremos deles procedendo a uma grande simplificação que oferece uma visão clara e prática sem que deixe de ser fundamentalmente verdadeira.

3.2.1. O pensar

Devendo orientar sua vida em liberdade, para a sua plena realização, o homem precisa conhecer a sua situação no mundo. Quanto mais e melhor ele conhece o mundo, tanto mais acertada poderá ser sua ação.

Há no homem a aspiração de conhecer tudo, manifestada no esforço de estudar. Esta aspiração é legítima. Mas topa com limites, especialmente hoje, com o progresso das ciências. Ninguém consegue mais conhecer tudo. Cada um precisa de ajuda dos outros. Há necessidade de especialização, colaboração, aplicação de método. É preciso modéstia, moderação.

O homem tende a uma visão unificada do universo, não se contente com uma visão parcial, parcelada. E tudo deve ser relacionado com o Eu. O conhecer é para me conduzir à plenitude de amor.

O conhecer, como ato natural que é bom ou mau. Em si mesmos todos os seres são bons e como tais provocam o desejo de os possuir. O querer então deve seguir a indicação do pensar, para desejar e fazer e possuir o que convém ao Eu na situação concreta.

Quando o homem procura o bem do homem, se bem desenvolvido, oferece satisfação, alegria, sentimento de poder, riqueza, plenitude, desejo de comunicação.

3.2.2. O querer

Todo conhecimento provoca naturalmente um movimento da von-

tade, de possuir o que é bom, de repelir o que é mau. É o relacionamento com o Eu, de que há pouco falamos, a determinar aquilo ou repele o mau de modo conveniente, sente-se feliz, valoroso, satisfeito, senhor de si e do mundo. Este sentimento de satisfação deve ser cultivado.

3.2.3. O sentir

Além da afetividade espiritual, colocada no intelecto e na vontade, há no homem uma afetividade sensível (corporal, material), difícil de ser definida e distinguida da espiritual. Pois a sensível é um alargamento da espiritual sobre o corpo, destinada a despertar e a reforçar a afetividade espiritual, apoiando suas atitudes, constituindo com ela harmonia total e felicidade plena.

Enquanto a afetividade espiritual acompanha naturalmente a atividade do intelecto no encontro da verdade e da vontade na busca da bondade, a afetividade sensível, por estar ligada ao corpo e aos condicionamentos materiais, sofre a influência destes condicionamentos. Por isso a afetividade sensível possui certa independência da afetividade espiritual, dificultando sua repercussão sobre o corpo e até contrariando-a forte e tenazmente.

3.2.4. Problemas

Surge daí uma perspectiva nova para o amadurecimento da pessoa. Considerando a contrariedade que pode existir entre a afetividade espiritual e a sensível, como conse-

guir a sintonia entre ambas? E há possibilidade de amadurecimento durante a existência e permanência do conflito entre ambas? Em que condições?

Devemos distinguir entre condicionamentos normais, baseados na fisiologia da afetividade sensível, e condicionamentos especiais, provocados por certos eventos na história da pessoa.

No 1.º caso se trata daquilo que tradicionalmente chamamos de ascese e que praticamos com os conhecidos métodos de educação e formação. No segundo caso se trata daqueles condicionamentos que a psicologia profunda descobriu e vai tratando. São impressões produzidas na criança nos primeiros meses da sua vida, por pessoas do seu ambiente, e que marcam a afetividade sensível de modo negativo e fixo, com consequências permanentes para o futuro.

Como muitas destas consequências foram consideradas, até hoje, como pertencentes ao primeiro caso e tratadas assim, pelos métodos comuns de ascese, convém dar atenção especial a este fato e considerar com mais demora os problemas daí resultantes para o amadurecimento da personalidade.

4. A afetividade sensível fixada negativamente

Nesta parte tratamos da origem e dos efeitos do funcionamento e da superação dos condicionamentos especiais da afetividade sensível. Este assunto merece ser tratado extensamente, porque os efeitos destes

condicionamentos incidem muito no processo da formação como causadores daquilo que costumamos chamar de imaturidade afetiva.

4.1. Origem e efeitos

4.1.1. Constatou-se que toda falta ou falha no amor afetivo dos pais produz na afetividade sensível da criança, nos seus primeiros três (ou cinco) anos, uma marca negativa fixa. Trata-se de falha no amor afetivo, não simplesmente no amor que é afetivo e espiritual. A criança marca a falha afetiva que pode acontecer sem culpa dos pais. Nem a criança tem consciência da marca produzida nela. Esta marca ocupa a maior parte da afetividade sensível da criança, imprimindo-lhe fixamente os seguintes sentimentos:

4.1.2. Sentimentos de não ser amado, não ser valorizado; de que falta algo, que tenho culpa; de inferioridade, incapacidade; de fechamento, desconfiança, insegurança, agressividade e raiva, tristeza e solidão; de querer sumir, desaparecer; tendência de masturbação (Ver **Grande Sinal**, abril 1973).

Quando esta parte fixada da afetividade sensível é tocada ou provocada por um acontecimento qualquer, principalmente qualquer gesto de rejeição, sempre responde com um dos sentimentos acima indicados, rápidos, fortes, persistentes.

4.2. Funcionamento

4.2.1. Quando a marca negativa da afetividade sensível é provocada, ela influi na atitude da pessoa, fazendo que ela pense e queira conforme a impressão sensível fixada, da qual ela nem sabe a existência nem a origem. A pessoa atribui então a impressão negativa que ela sente, aos objetos que no momento estão presentes, e isso falsamente, pois a impressão não vem dos objetos presentes, mas da falha de amor afetivo dos pais, na primeira infância.

Muitas vezes a pessoa percebe que a impressão negativa que ela sente, é infundada ou exagerada, mas, não sabendo donde vem nem como eliminá-la, sofre profundamente.

4.2.2. A marca negativa, por ser contrária à vida, é reprimida instintivamente e pode permanecer escondida durante muito tempo. Ela se manifesta em situações semelhantes àquela da primeira infância que a provocou, isto é, a falta de amor. Se ela não se manifestou antes, ela aparece aos 30-35 anos, e com grande força.

No período dos 15-25 anos a influência da marca negativa é bastante disfarçada, e isso especialmente em ambientes bons, acolhedores, onde a pessoa é valorizada. E se manifesta fortemente e é reforçada em seus efeitos negativos em ambientes frios ou hostis, de pessoas autoritárias, de exigências duras.

4.2.3. Efeitos claramente negativos:

a) Complexo de inferioridade que produz as seguintes impressões: De ser pouco amado, de pouco valor, diante de Deus e dos homens. • Timidez, falta de iniciativa, especialmente diante da autoridade ou de grupos maiores; indecisão. • Submissão, dependência do que dizem e fazem os outros, temor da lei e de qualquer transgressão dela. • Falta de comunicabilidade.

b) Sentimento de culpa: • Acentuação de ser pecador, ser indigno, especialmente em relação à castidade. • Desânimo diante de insucessos. • Julga os outros superiores, tem inveja, ciúme. • Fuga para a oração, solidão, tristeza, fechamento.

c) Emulação, rivalidade: Raiva, cólera, sentimento de vingança, aversão, ódio. • Explorando os outros, dominando-os, aproveitando-se dos fracos. • Insubordinação, revolta, desordem. • Falta de concentração, atenção, memória. • Hipersensibilidade, susceptibilidade, nervosismo.

4.2.4. Efeitos aparentemente positivos:

a) Fixação a uma pessoa, a um determinado tipo de pessoa: Na criança, não sentindo o acolhimento afetivo esperado, surgiu a carência afetiva correspondente. • Percebendo agora da parte de alguém a capacidade ou a disposição de lhe dar acolhimento. • Espera (e exige) desta pessoa um acolhimento afetivo contínuo, exagerado. • Recebendo-o, tudo vai bem aparentemente. • Quando a pessoa se re-

tira ou se nega, volta a depressão e o amor se pode transformar em ódio.

b) Idealização do próprio Eu: Para compensar a impressão negativa de incapacidade e de culpa. • O Eu imagina (projeta) valorização fantástica, heróica, fazendo propósitos idealísticos com caráter de obrigatório. • Há esforços grandes, violentos, alternando com depressão profunda. • A pessoa exige muito de si e dos outros.

c) Esforço para merecer o amor por obras: Tendência inquieta para um super-ativismo que não sabe parar e descansar. • Comportamento de bonzinho, sacrificado, para assim agradar aos homens e a Deus; (escolha da Vida Religiosa!). • Escravo do cumprimento do dever, da justiça. • Minuciosidade, ansiedade, escrúpulos, legalismo. • Auto-afirmação pela atividade febril, eficiência, projeção pessoal, personalismo, paternalismo. • Tudo gira em redor do próprio Eu, sem que a pessoa o perceba claramente.

4.3. Superação

4.3.1. A valorização suprema e definitiva, o homem recebe-a do amor de Deus, manifestado por Cristo e comunicado no Espírito Santo. O homem chegou a atingir a maturidade, quando descobre este amor de Deus que o acolhe e no qual ele é capaz de querer cumprir a sua tarefa também em situações difíceis, recomeçando sempre, com esperança e paciência.

Esta comunicação do amor de Deus cada pessoa pode percebê-la,

na fé, no seu interior. Momentos privilegiados desta percepção são a santa missa, a meditação da Escritura, a reflexão sobre os acontecimentos da vida, o encontro amigo a dois ou em grupo...

A comunicação do amor de Deus deve ser atingida conscientemente, de modo que ela constitua o fundamento para a confiança e o esforço na realização da vida. Desta consciência surge a paz e a alegria da vida que podem ser ou não ser acompanhados pela afetividade sensível. O homem maduro deve ser capaz de caminhar também contra (Jesus no horto) ou a despeito da afetividade sensível, pois esta não pode impedir a comunicação do amor de Deus que se faz no íntimo da pessoa, nem pode impedir a sua percepção, contanto que a pessoa dê a devida atenção a esta comunicação de Deus no interior íntimo dele.

Daí a importância que deve ser dada à percepção interior do amor de Deus, oferecida a cada pessoa que quer fazer o bem, pois é Deus que faz esta união, não o homem. E Deus se manifesta ao homem, quando este, com sinceridade, continuamente se esforça a fazer o bem que estiver ao seu alcance.

4.3.2. Algumas observações importantes sobre o bem ao alcance da pessoa:

- É o bem que a própria pessoa compreenda como tal, não basta que os outros o digam (a sociedade, a Igreja...)
- É o bem que a própria pessoa vê como possível para ela, por um esforço sincero e continuado.

- Um bem que em si é desejável, mas que em concreto, para esta pessoa, é impossível, poderá ficar como meta longínqua, não deve formar um propósito concreto — este sempre deve visar algo concretamente possível.

4.3.3. A disposição que torna a pessoa agradável a Deus e unida a Ele é esta: de querer fazer o bem ao seu alcance. Não é o sentir nem o conseguir.

É claro que o querer sincero visa o conseguir e envolve o sentir. Mas para ambos há obstáculos independentes da vontade da pessoa e que, portanto, não caiam debaixo da sua responsabilidade senão indiretamente, enquanto a pessoa pode empreender algo que possa remover estes obstáculos.

Para o querer não há outro obstáculo senão o mesmo querer, isto é, a liberdade da pessoa que sempre é estimulada e ajudada pela graça de Cristo, para que se mova na direção do bem verdadeiro.

4.3.4. O sentir negativo, fixado na infância, de per si não impede o querer, enquanto é livre e responsável, mas o envolve muitas vezes de tal modo que já não é livre. Nestes casos a pessoa não é responsável do que faz (pensa, deseja).

São muitos os casos em que a pessoa é de tal modo condicionada que já não é livre, seja em situação de inibição (medo, fechamento), seja em situação de impulso (agressividade, masturbação).

4.3.5. O querer sempre pode ser mantido, ainda sob a pressão de

fixações afetivas. A oração deve sustentá-lo e renová-lo. E algum bem sempre se conseguirá fazer.

Devemos dar muita atenção a este bem que se consegue fazer, e valorizá-lo, tanto na própria pessoa como nos outros, pois aí está a verdade da pessoa, seu verdadeiro valor e sua união com Deus.

Da constatação do bem que se consegue fazer e da alegria sobre ele surge aos poucos a superação do sentimento negativo, pois a pessoa está experimentando concretamente a falsidade deste sentimento negativo.

4.3.6. O sentir negativo, fixado na infância colocando grande dificuldade para a pessoa fazer o bem que quer fazer, provoca um duplo efeito:

- Faz a pessoa esforçar-se mais para fazer o bem apesar de tudo. Isso a faz crescer continuamente no amor.
- Faz que a pessoa não consiga fazer o bem tão visivelmente, com o brilho e a beleza que corresponderiam ao seu esforço, aos dons que recebeu e ao exemplo de amor que deve dar aos outros.

Daí a importância da eliminação das fixações afetivas nos religiosos que devem ser, na Igreja, não só exemplo de amor de fato vivido (no interior das pessoas), mas de amor vivido visivelmente, portanto, sem as inibições e impulsos agressivos, provenientes da rejeição.

4.3.7. A eliminação da marca negativa da afetividade é conseguida:

a) Por uma experiência profunda do amor de Deus e do próximo.

- Mas a marca negativa dificulta justamente esta experiência, colocando na afetividade da pessoa a impressão fixa de não ser amada e não poder amar, de ser indigna e incapaz.
- Daí a importância da persistência: ★ para a pessoa mesma, a persistência na oração como recolhimento ao íntimo, onde ressoa a Palavra do amor de Deus que “nos amou primeiro”. ★ Para com os outros, a persistência em demonstrar-lhes o seu amor, estima, acolhimento, perdão, de modo imperturbável, inexgotável; tal amor é o meio mais seguro para testemunhar de modo convincente também a uma pessoa fixada o amor que Deus lhe tem.

b) Pelo discernimento da afetividade sensível.

- A afetividade fixada registra com acento exagerado tudo que de negativo aparece na vida.
- Este exagero espontâneo deve ser descoberto e constatado pela inteligência, cada vez que ele aparece, dizendo-se a pessoa a si mesma: “Isso, assim, é do passado”.
- Feito isso, a pessoa se dedique a fazer o bem que puder,

no momento, lembrando-se que para isso a graça de Deus sempre lhe ajuda e dando atenção ao que de bom consegue fazer, apesar de tudo.

- Dizer “isso é do passado” não quer dizer que no presente não haja motivos para sentimentos negativos, mas que não há motivos para um sentimento negativo tão profundo, tão exagerado, tão desconcertante e que, às vezes, não há realmente motivo nenhum.

- Assim fazendo, a marca negativa fixada será progressivamente eliminada até desaparecer de todo; até lá, a pessoa “suporte” (agüente) os sentimentos negativos e se ocupe em fazer o bem que puder fazer agora, no presente, apesar de tudo; e tenha paciência e esperança; paciência, porque se não tudo vai de vez; esperança, porque vai mesmo desaparecer o incômodo da fixação afetiva.

c) Por um tratamento psicológico adequado:

- O tratamento psicológico é apenas uma ajuda para remover obstáculos que dificultam à pessoa a percepção do amor de Deus e a resposta devida a este amor.
- Quem estiver fazendo tal terapia, deve sustentar o seu esforço de libertação com um profundo espírito de fé, pois tudo que ele faz, em terapia, é caminho para o encontro

mais aberto com Deus e com o próximo, e portanto é caminho do amor, esforço de amor. Para isso ele deve ser acompanhado por alguém que conhece as dificuldades e fases deste caminho e tem compreensão, paciência e confiança no bom resultado deste esforço.

4.3.8. A eliminação da marca negativa é tentada através do relacionamento afetivo entre homem e mulher (consagrados):

a) Este caminho é procurado naturalmente (instintivamente) pelo impulso da carência afetiva que procura satisfação: ● Há na pessoa adulta o desejo de carinho que estava na criança e nela não foi satisfeito. ● Na pessoa adulta tal desejo: É desproporcionado à sua idade e condição. É ligado, agora, ao instinto sexual e leva facilmente à procura da satisfação sexual.

b) Este caminho não leva à eliminação da carência afetiva (= igual à marca negativa): ● A marca é fixada, congelada, e permanece fixa, ainda que receba compensação afetiva. ● Por isso a pessoa não se satisfaz com o carinho recebido, querendo sempre continuar e receber de novo. ● Isso leva facilmente à procura da satisfação sexual que é excitada pelo prolongamento das carícias.

c) As pessoas, hoje, são particularmente inclinadas a procurar este caminho da satisfação afetiva:

● Muitos têm carência afetiva e querem superá-la pela satisfação

afetiva, isso é instintivo. ● A descoberta do valor da sexualidade e da afetividade acentua esta tendência natural e parece justificá-la. ● Abertura dos costumes neste campo facilita esta procura, oferecendo oportunidade. ● Não há compreensão clara a respeito deste assunto, principalmente pelo "tabu" que ele constituiu no passado. ● Não há formas adequadas, dentro da vida religiosa, para um relacionamento sadio normal entre homem e mulher.

d) O carinho dado mutuamente é um sinal autêntico de amor, portanto um valor humano: ● Para renunciar a este valor deve haver motivação clara e convincente, não basta o costume ou a simples prescrição. ● Guardado entre justos limites, como manifestação de amor pode ser uma ajuda, no momento, embora seja "perigoso", (pelos motivos já indicados acima).

Conclusão

Refletimos sobre alguns dos principais aspectos do processo de amadurecimento da personalidade do jovem dos 15-25 anos. São indicações rápidas que precisam de aprofundamento. Mas antes de tudo

elas precisam de aplicação ao caso concreto de cada pessoa. E pessoa diz mistério, unicidade, espontaneidade, liberdade. O processo de amadurecimento é um processo vital, elaboração lenta feita pela própria pessoa a partir dos condicionamentos em que ela se acha e se vai colocando ou está sendo colocada.

A TAREFA DAQUELES QUE ACOMPANHAM ESTE PROCESSO CONSISTE em colocar-se ao lado dos jovens de modo que lhes ofereçam o melhor condicionamento possível para eles assumirem a orientação da sua vida por própria responsabilidade, segundo a verdade total da vida humana e na crescente sintonia de todas as forças afetivas.

Fazendo assim, os mesmos educadores experimentarão em si a exigência e a ajuda que tal atitude lhes proporciona para o amadurecimento próprio. Pois toda a nossa vida é um único lento processo de amadurecimento em que nós todos nos ajudamos mutuamente nas situações novas que cada dia nos traz.

Neste caminho a bondade de Deus nos acompanha, ajudando-nos a ver em tudo e a aproveitar tudo para o nosso crescimento no amor.

A série de artigos e esquemas de celebrações mensais que desejamos iniciar neste número de **Convergência** pretende ser um subsídio para as comunidades religiosas em seus encontros mensais de reflexão e oração. Pensamos sobretudo nas comunidades religiosas femininas que sofrem com a carência de uma assistência sacerdotal mais intensa.

PARA O NOSSO RETIRO MENSAL

FREI ALBERTO BECKHAUSER, OFM

Para um caminhar progressivo na senda da espiritualidade cristã e religiosa, o retiro mensal parece de importância fundamental. Estes encontros podem expressar-se numa dupla linha: **reflexão e oração**. Ouviremos a vontade do Pai e tentaremos responder, renovando nossa aliança batismal e religiosa. Tentaremos apresentar um esquema de conferência, seguido de um esquema de Celebração da Palavra de Deus como expressão orante do tema meditado.

O tema poderá ser aprofundado por toda a comunidade. Poderá servir também de leitura para cada membro da comunidade individualmente. Neste caso, a comunidade

reunida no dia do retiro mensal poderá dialogar sobre o tema já lido e meditado previamente pelos membros em particular. Para facilitar tal troca de idéias acrescentaremos um pequeno questionário.

O esquema da Celebração da Palavra poderá servir de preparação para a Eucaristia quando os dias litúrgicos o permitirem e de preparação para a Comunhão Eucarística, distribuída por um sacerdote ou por um ministro extraordinário da Eucaristia. Poderá constituir ainda uma celebração diante do Santíssimo com ou sem Bênção, ou uma simples celebração da Palavra de Deus, onde Cristo também garante sua presença especial. Na

elaboração destas celebrações aproveitamos de preferência o material contido nos livros **Cantos e Orações, Oração do Tempo Presente e o Novo Missal**.

É nossa intenção apresentar os temas com um mês de antecedência. No número de outubro, por exemplo, sairia o tema de meditação para o mês de novembro e assim por diante.

Para o ano de 1974 pensamos no tema de espiritualidade do Ano Litúrgico. Como ele começa em dezembro, abrimos esta iniciativa com um tema sobre o próprio retiro mensal. E por fim, pedimos uma oração para que o Senhor envie o seu Espírito sobre esta iniciativa, que semeada da obscuridade de uma cela, deseja florir despretenhiosamente no jardim secreto das almas consagradas a Deus e produzir muito fruto.

1. Tema para reflexão: Importância do retiro mensal

Retiro mensal, encontro mensal, reflexão mensal, interiorização mensal, são expressões usadas para significar uma parada ao mês a fim de reabastecer a nossa vida espiritual.

Depois de certo período de incerteza e dúvidas, ressurgem a consciência da necessidade desta praxe para um verdadeiro crescimento na vida espiritual.

O homem em busca de Deus caminha por etapas. Sempre de novo deverá alimentar-se como o povo de Israel no deserto, como Elias rumo ao Monte Horeb. A vida cristã e mais ainda a vida religiosa não se apresenta como algo pronto, mas constitui antes um processo, uma gradual conquista.

A esta parada mensal ou anual para ocupar-nos mais das coisas espirituais costumamos chamar de retiro ou exercícios espirituais. Os dois termos revelam dois aspectos importantes dessa praxe.

A expressão **exercícios espirituais** designa a necessidade do uso de

um método para alcançarmos o objetivo fundamental de nossa vida: a nossa santificação. Toda nossa vida será um exercitar-nos nas coisas de Deus, mas como nossas tarefas nos ocupam e por vezes nos absorvem demasiadamente, existe a necessidade de suspendê-las por algum tempo para entregar-nos explicitamente ao exercício da oração e da conversão. Desta forma, mais facilmente toda a nossa vida será um processo de oração e conversão a Deus, ao próximo e a toda a natureza criada.

A melhor maneira de realizar este exercício espiritual será o **retiro**. Retiro significa deixar as atividades cotidianas, as ocupações que absorvem o nosso espírito, e buscar a solidão, o deserto, para mais facilmente encontrar-nos com Deus, conosco mesmos e com os irmãos.

Hoje, mais do que nunca, somos assaltados por tantos estímulos dos meios de comunicação que dificilmente somos capazes de assimilá-

los. Acabamos permanecendo na superficialidade das coisas, acabamos não refletindo, acabamos aceitando tudo sem discernimento entre o passageiro e o permanente, entre o essencial e o accidental.

Penso que no retiro anual ou mensal nós procuramos realizar mais intensamente aquilo que desejamos viver diariamente. Retirar-se em oração e voltar para entre os homens. No retiro exercitamos o que diariamente queremos fazer: refletir sobre nossa vocação e missão; responder pela oração e pelo serviço aos irmãos. Teríamos então: a reflexão, a oração e o exercício de vida fraterna como componentes do retiro.

O próprio Senhor Jesus Cristo em sua busca de comunhão com o Pai nos dá o exemplo do retiro. Antes de suas grandes resoluções e ações nos dá o exemplo do retiro. Antes de suas grandes resoluções e ações em relação à missão messiânica, retira-se para o deserto, para a montanha, para a solidão e ali entra em colóquio com o Pai.

- Antes de iniciar sua vida pública, passa 40 dias no deserto, antes de escolher os Apóstolos passa a noite em oração.
- Antes de falar da Eucaristia, reza sozinho na montanha.
- Antes de sua Paixão fala com o Pai no Monte das Oliveiras.
- E foi ainda enquanto reza-va que ele se transfigurou diante dos discípulos.

- Será que nós também não nos transfiguramos na oração, no retiro, na solidão do encontro com o nosso Deus?

Diremos, quem sabe, que Nosso Senhor estava sempre em íntima comunhão com o Pai, que ele era fora de série. Contudo ele também era homem com suas necessidades espirituais. Se ele, apesar desta união com o Pai buscava momentos fortes de oração, quanto mais o teremos que fazer nós em nossa tremenda mediocridade!

Cristo não só deu o exemplo. Ele também nos convidou a fazer o mesmo, levando os Apóstolos para um lugar solitário, à parte.

Jesus havia escolhido os Apóstolos, enviando-os dois a dois, dando-lhes o poder sobre os espíritos imundos. "Eles partiram e pregaram a penitência. Expeliam numerosos demônios, ungiam com óleo a muitos enfermos e os curavam" (Mc 6,12-13).

Depois de algum tempo "os apóstolos voltaram para junto de Jesus e contaram-lhe tudo o que haviam feito e ensinado" (Mc 6,30). E vejam a atitude de Jesus nestas circunstâncias. Como que preocupado com a dispersão dos seus discípulos embriagados pelos resultados de suas ações, disse-lhes:

"Vinde à parte, para algum lugar despovoado, e descansai um pouco. Porque eram muitos os que iam e vinham e nem tinham tempo para comer. Partiram na barca para um lugar solitário, à parte".

Este trecho do Evangelho, como todo o Evangelho não descreve apenas situações históricas frias, mas situações humanas em que nós mesmos nos podemos situar. Assim, quando Jesus dirige este convite aos Apóstolos continua a dirigi-lo a cada um de nós e a cada comunidade. Também nós somos enviados, também nós podemos contar ao Senhor tudo quanto temos feito e ensinado. E o convite que Jesus dirige aos Apóstolos, ele o dirige a nós, pois certamente são muitos os que vão e vêm e na ânsia de atender a todos não nos sobra tempo para comer, para alimentar-nos daquele alimento que é Cristo.

Então será preciso aceitar sempre de novo o convite de Cristo, pois lá ele como o pastor que tem compaixão da grande multidão, há de ensinar-nos muitas coisas.

Para que nós hoje possamos ser aquela presença do Cristo entre a multidão que vem a nós, para que possamos ter compaixão da grande multidão que vai à procura do Cristo em nós, e assim possamos alimentá-las como o pastor alimenta o rebanho, será preciso que primeiro nós nos alimentemos.

A prova de que Cristo deseja continuar a sua obra de ensinar, de saciar a fome das multidões através de nós e não sem a nossa colaboração, está na participação dos Apóstolos na multiplicação dos pães. Os apóstolos queriam despachar a multidão por não terem com que alimentá-la. Jesus, no entanto, ordena: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Quando eles acharam impossível encontrar tanto ali-

mento que bastasse para matar a fome de todo o povo, Jesus insiste: "Quantos pães tendes? Ide ver". Encontraram, então, cinco pães e dois peixes. E Jesus através do pouco, da boa vontade dos apóstolos, deu de comer à multidão e todos ficaram fartos.

E nós? Não é através do nosso pouco, da nossa boa vontade que Cristo continua a saciar como Pastor as multidões famintas de Deus? Cristo não quer o muito, mas o pouco da nossa boa vontade, da nossa humildade, que será por ele multiplicado. Quando então se somarem os poucos de todos os cristãos, dos membros de uma comunidade, será possível saciar a fome das multidões famintas. Triste seria se não encontrássemos nem sequer cinco pães e dois peixes, isto é, se não déssemos nossa pequenina contribuição (Cf Mc 6, 30-44).

Se aceitarmos o convite mensal de Nosso Senhor de ir à parte para um lugar despovoado e descansar um pouco, Cristo nos ensinará muitas coisas. Lá teremos tempo para nos alimentar melhor, para deixar que Cristo nos alimente revelando-nos o Pai. Poderemos, então, com o pouco que nos é dado saciar os muitos que vem a nós, buscando em nós o próprio Cristo.

II. Questionário para reflexão em grupo

1. Por que acha necessário fazer um retiro mensal?
2. O que podemos aprender do exemplo do Cristo orante?
3. O que acha desta afirmação: "No retiro anual ou mensal procuramos realizar mais intensamente aquilo que desejamos viver diariamente"?

III. Celebração da Palavra de Deus

1. Acolhimento

Dirigente: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

D: Tendo passado este dia em meditação e oração, colocamo-nos agora diante do Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Queremos responder em comum, fazendo de todos os benefícios que neste dia nos foram comunicados, objeto de nossa ação de graças ao Pai.

(Um momento de silêncio e contrição)

D: Expressemos nossa confiança e gratidão ao Senhor que hoje nos chamou a participar de sua companhia no silêncio da meditação e no convívio com os irmãos. Como o pássaro encontra um lugar para fazer seu ninho junto ao altar do Senhor, também nós tivemos o privilégio da intimidade com o nosso Deus no dia de hoje. Cantemos, pois: Até o passarinho encontra abrigo para si. **Cantos e Orações, n.º 5).**

D: Oremos. (Silêncio)

Pai santo, que chamais todos os fiéis à caridade perfeita, e inspirais a muitos seguir mais de perto o vosso Filho, dai aos que chamastes à vida religiosa serem para a Igreja e para o mundo um sinal transparente do vosso reino. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

2. Leituras:

D: Tendo ouvido o convite de Cristo, tenhamos agora os ouvidos bem atentos para ouvir a Palavra do Pai, o coração aberto para acolhê-la em nossa vida e a disposição para levá-la aos nossos irmãos.

Leitura: 1 Reis 19,3-12. (Faz-se a leitura).

Comentarista: Elias, alimentado pelo pão, pode continuar a caminhada. O alimento que o Senhor nos deixou é sua Palavra e o seu Corpo. Elias não encontrou o Senhor no tufão, no vento impetuoso, mas no murmúrio de uma brisa ligeira. Ele se manifesta a nós no silêncio da solidão.

(Silêncio).

Canto: O Senhor é meu Pastor. (Cantos e Orações, n.º 12).

Evangelho: Mc 6,30-44.

Partilha: Breve reflexão sobre o tema, procurando, quem o desejar, partilhar suas descobertas com os irmãos.

3. Resposta à Palavra

Oração dos fiéis

D: Elevemos agora nossas preces de louvor e intercessão a Deus, inspirados nas riquezas que ele nos revelou neste dia. (As preces poderão ser espontâneas, tendo-se sempre o cuidado de não serem ideologia, agressão, etc., mas verdadeiras preces de ação de graças ou de intercessão).

Sirvam de exemplo:

Por este dia de recolhimento em companhia do Senhor Jesus, presente em sua Palavra, obrigado, Senhor.

T: Nós vos agradecemos, Senhor.

Pelo pão da vossa Palavra que nos alimenta, pelo pão da Vida que multiplicais para nós no Mistério da Eucaristia, obrigado, Senhor.

T: Nos vos agradecemos, Senhor.

Para que alimentados pelo pão da Vida possamos continuar a nossa caminhada, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece.

Para que restaurados pela presença do vosso Filho possamos acolher as multidões famintas e saciar-lhes a fome, roguemos ao Senhor.

T: Senhor, escutai a nossa prece. (Intenções livres)

Oração conclusiva

D: Ó Deus, que inspirais e levais a termo todo bom propósito, guiai os vossos servos no caminho da salvação. E dai, aos que tudo deixaram por vosso amor, seguir o Cristo e renunciar ao mundo, servindo a vós e a seus irmãos, com espírito de pobreza e humildade de coração. Por nosso Senhor, Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T: Amém.

Renovação da Aliança batismal e religiosa

Caso não seguir a Celebração Eucarística, a Comunhão ou a Bênção com o Santíssimo, o grupo renova sua adesão a Deus e o propósito de servir ao próximo, cantando: Senhor fazei-me instrumento de vossa paz. **(Cantos e Orações, n.º 756).**

D: E agora, confirmemos nossos louvores e intercessões através da Oração do Senhor:

T: Pai nosso, ...

4. Conclusão da Celebração

D: Invoquemos com toda confiança a Mãe de Jesus e nossa Mãe, cantando: Salve Rainha. **(Cantos e Orações, n.º 701).**

D: O Senhor nos abençoe, guarde-nos de todo mal e nos conduza à vida eterna.

T: Amém.

D: Bendigamos ao Senhor.

T: Graças a Deus.

DIOCESE DE ARAÇUAÍ, **39600 ARAÇUAÍ, MG**

ÀS SUPERIORAS RELIGIOSAS:

Estimada Irmã:

Com minha visita e cumprimentos, acompanhados de votos de felicidades, faço-lhe esta correspondência, esperando que ela fale aquilo que era de nosso desejo dizer-lhe de viva voz.

Quem lhe escreve é o Pe. Lídio de Miranda Murta, Delegado Episcopal da Diocese de Araçuaí, por cujo governo ainda continuo respondendo, em substituição a Dom Altivo Pacheco Ribeiro, ausente da Diocese, por motivo de saúde.

Conforme é do seu conhecimento a Diocese de Araçuaí é a Circunscrição Eclesiástica que, em todo Leste II, vem enfrentando os maiores entraves para a expansão de uma atividade eclesial correspondente às exigências de nosso tempo.

Fundada em 1913, paulatinamente, seu processo parece ser o da dinâmica da marcha-ré, sempre em regresso, sempre em esvaziamento, o que, de certo modo, é explicável, pois é a sintonia com a área geográfica em que se acha localizada, a do Vale do Jequitinhonha, indiscutivelmente, a mais subdesenvolvida do Estado de Minas Gerais.

Localizada no extremo Nordeste mineiro, denominado Vale do Jequitinhonha, cuja extensão geográfica é de 71.552 km², a Diocese de Araçuaí tem um território de 38.756 km², equivalente a 54,16% de todo o Vale.

Sem nos determos em detalhes de ordem demográfica, educacional, de saúde e de economia, cujos indicadores sensibilizam a quem os considera, na Diocese de Araçuaí situam-se trinta e uma cidades e paróquias, das quais dezoito estão desguarnecidas de sacerdotes. E esses, sendo em número de dezenove na Pastoral, deverão atingir 513.000 habitantes, correspondendo 27.000 para cada um, enquanto que no Brasil, como um todo, para cada sacerdote tocam 9.000 pessoas.

A isso acrescenta-se que a grande maioria das poucas religiosas residentes na Diocese, dedica-se ao setor educação, sobrando-lhes, portanto, minguado tempo para uma maior disponibilidade na Pastoral.

Diante dessa realidade, que preocupa quem a considera, tomamos algumas providências de emergência, que foram:

1. A montagem da 1.^a e 2.^a Missão do Vale do Jequitinhonha, realizadas respectivamente em janeiro e julho de 1973 com a colaboração e total apoio da CRB e Diocese de Divinópolis, arregimentando noventa e um elementos, sacerdotes, religiosas e leigos.
2. A solicitação do concurso de outros amigos, sacerdotes e leigos, que, em número de vinte e seis, sensibilizados com nosso apelo, aqui passaram alguns dias, dinamizando, em várias regiões, uma ação missionária e evangelizadora.
3. Apelos, pessoalmente ou por cartas, a várias ordens, Congregações e Institutos masculinos, solicitando a implantação, nesta Diocese, de alguma casa ou comunidade. Infelizmente, as respostas que estão chegando têm sido negativas, dado o decréscimo de elementos humanos, de que vêm se ressentindo esses institutos.

Temos consciência de que, sobretudo, a 1.^a e 2.^a providências foram movimentos de emergência que, sendo atitudes missionárias valorosas, capazes de despertar forças vivas da região, devam ser complementadas com outra ação que seja, contínua e duradoura por mais tempo, a fim de que, firmando-se, os próprios cristãos possam assumir, no futuro, os destinos religiosos de suas comunidades. E, com toda a simplicidade, deixamos claro que nossa prática Pastoral tem se orientado justamente nesse sentido da formação das comunidades cristãs que possam se sustentar em seus líderes.

E para a efetivação e maior fundamentação dessa linha de Pastoral, em nome da Diocese de Araçuaí, faço um apelo e pedido formal à sua Congregação no sentido da possível implantação de uma casa ou comunidade religiosa nesta Diocese, a fim de que possamos, juntos, prestar à Igreja, nesta região sofrida, aquele serviço que se reputa o mais válido e digno de todo o empenho: nossa identificação como animadores das comunidades cristãs, nossa predisposição em formar uma Igreja Povo de Deus, a nossa dedicação em fazer crescer uma Igreja à medida que crescem os leigos, nossa disponibilidade orientada a que se explicita uma Igreja com os valores ali existentes.

Infelizmente, a organização estritamente catequética, em nossa Diocese, ainda está por fazer. Não temos nada de coordenado e estruturado nesse sentido. Dada a extensão da Diocese com 550 km de uma extremidade a outra e diante das três regiões que se situam ali bem diferenciadas, era nosso plano constituir três centros dinamizadores da catequese e das comunidades cristãs, um sediado em Araçuaí, outro na cidade de Itaboim e um terceiro na cidade de Almenara.

Quem sabe se, com a abertura dessa segunda perspectiva pastoral, não poderíamos contar também com seu decisivo apoio e de sua Congregação?

Certo da identificação do espírito de sua Congregação com o da Igreja dos pobres, e consciente de sua preocupação missionária e apostólica, espero que nossas solicitações contem com sua benévola receptividade.

Na esperança de que possamos retomar esse diálogo, coloco-me à disposição da prezada Provincial, em qualquer época que a senhora achar oportuna, a fim de que em um contato pessoal, possamos apresentar-lhe a problemática da região e nossas perspectivas pastorais, com maiores detalhamentos.

Deixo-lhe aqui nosso endereço para quaisquer correspondências:

Padre Lídio de Miranda Murta
Delegado Episcopal da Diocese
Residência Episcopal
39600 Araçuaí — MG

Certo de contar, em breve, com a atenção de sua resposta, subscrevo-me atencioso.

Em Cristo:

Pe. Lídio de Miranda Murta
Delegado Episcopal da Diocese de Araçuaí

CONVERGÊNCIA

REGISTRANDO

I

ESCOLA NOVA PARA UM HOMEM NOVO

Por ocasião do VIII Congresso da União Mundial dos Professores Católicos, realizado em Roma, o Cardeal Secretário de Estado, Jean Villot, enviou ao Presidente da mesma Professor J. A. A. Poncin, a carta que **CONVERGÊNCIA** publica na íntegra.

Senhor Presidente:

O VIII Congresso da União Mundial dos professores Católicos, que se encontram reunidos nestes dias em Roma, quis continuar a linha de suas reuniões precedentes, tendo escolhido como tema de reflexão: "Os professores católicos para uma escola nova e para um homem novo".

A importância desta assembléia não passou despercebida ao Sumo Pontífice, que se mostra sensível a tudo o que se relaciona com a formação e o futuro da juventude. Ora, hoje, são de fato, o significado profundo da educação e, em definitivo, a formação global da pessoa que estão postos em causa, pelas transformações que afetam o mundo do ensino, em todos os seus níveis.

Uma nova situação

A amplidão destas transformações manifesta-se com evidência, até aos olhos menos perspicazes.

Cabe à União de que Vossa Excelência é Presidente fazer a análise, no campo que lhe compete, do mundo que está para nascer. Pode notar-se, a este propósito, por um lado, o desenvolvimento e a multiplicidade dos meios de informação, e também a rapidez das mudanças de todas as espécies, às quais é necessário adaptar-se, que tendem a reduzir notavelmente a importância do setor escolar, no conjunto da formação; também se verifica, por outro lado, uma tendência — suscitando sãs reações — a reduzir o ensino à aquisição de conhecimentos científicos e técnicos indispensáveis e a torná-lo principalmente um instrumento de inserção sócio-profissional.

Esta nova situação mostra a ambiguidade da formação cultural que nós vivemos. Uma formação fundada unicamente no saber, concebida em primeiro lugar em termos de adaptação técnica às necessidades da economia, de fato, corre o

risco, de nenhum modo quimérico, de negligenciar a verdadeira natureza do homem, de ignorar as suas necessidades essenciais, ou seja, "nem só de pão vive o homem" (Mt 4, 4).

A sua defesa dependerá, portanto, em grande parte, da formação da sua personalidade, que é obra comum da família, da sociedade e da escola, a qual se deve sentir responsável, pelo seu lado, do futuro da civilização.

A afirmação de que uma hierarquia dos valores se deve encontrar no centro de todos os projetos de educação não faria senão encorajar a realizar as adaptações que se tornaram necessárias devido à evolução atual.

O papel do educador

Neste contexto, o papel do professor, embora deva ser revisto, não é de nenhum modo diminuído, pelo contrário. Para aprenderem a conhecerem-se a si próprios, a criança e o adolescente terão sempre necessidade de contatos com os outros. Entre estes contatos, o contato pessoal com os educadores ocupa um lugar privilegiado. De fato, compete a estes últimos contribuir para levar a descobrir um horizonte espiritual bastante vasto, para que os valores essenciais, humanos e cristãos, encontrem ali o seu lugar. O ideal do educador é a formação para a liberdade, mas para liberdade real, que compreenda o autodomínio, o sentido do serviço e da renúncia.

Nesta perspectiva, vemos em que sentido a novidade do nosso mundo se revela de certo modo relativa, embora as maneiras de viver estejam profundamente modificadas. Qualquer que seja a amplitude concreta das mudanças a que viermos a assistir, as exigências que todos os homens encerram em si permanecerão.

Os jovens e a escola

Será sempre necessário fazer com que ele as reconheça e as viva: nem o sentido do dever, nem o sentido do dom de si, nem sequer o da existência podem mudar. Graças aos meios de comunicação social e aos aumentados contatos, os jovens de hoje descobrem muito depressa, concretamente, o nosso mundo na sua rica diversidade, com os seus problemas e também com as suas deficiências.

Desenvolvendo um diálogo compreensivo com eles, em todos estes campos, os educadores far-lhes-ão adquirir consciência das suas responsabilidades. Os próprios professores, superando o campo tradicional do ensino, deverão saber orientá-los, por exemplo, para os setores sociais onde a obra educativa é urgente e muitas vezes desprotegida, como acontece com a alfabetização, o ensino dispensado aos desadaptados e aos emigrantes.

Dado que o papel do professor deve ser, cada vez mais, como deixam prever muitos sinais, o de um guia e de um iniciador, chamado a contribuir para a formação do raciocínio e, portanto, do sentido moral que tem o próprio centro na

liberdade, como poderia o professor cristão não se sentir plenamente de acordo com a sua função? A vida cristã, de fato, repele as desagregações ruinosas e esforça-se por realizar a visão total da existência, que nos foi revelada por Cristo.

Os Membros da União Mundial dos Professores Católicos podem assim contribuir, de um modo adequado e segundo as diversas situações em que se encontram, para formar, naqueles que lhes são confiados, este "homem novo" de que fala São Paulo, "criado em conformidade com Deus na justiça e na santidade verdadeiras" (Ef 4, 24). No seu Congresso, devem estudar cuidadosamente o modo como os professores da nossa época se podem tornar eco eficaz da Palavra imutável que nos foi dita pelo Senhor.

Pois bem, Senhor Presidente, esta tarefa é magnífica, tanto no seu objetivo como no seu alcance. Re-

quer uma lucidez e um espírito de serviço incomuns, a fim de não deixar prevalecer as primeiras reações, talvez impulsivas, perante os problemas por que a opinião pública se apaixona, devido à urgente solução dos mesmos.

Posso assegurar-lhe que o Santo Padre é muito consciente, da sua parte, dos trabalhos deste Congresso e das pesadas responsabilidades dos seus participantes. Por este motivo, ele pede ardentemente ao Senhor que assista todos os congressistas e dá-lhes, de todo o coração, a sua bênção apostólica.

Ao formular os seus votos pessoais por que este encontro produza os frutos esperados, queira aceitar, Senhor Presidente, os protestos de minha consideração.

Jean Card. Villot

Vaticano, 21 julho de 1973

2

MISSIONÁRIAS DA VERDADE

A Superiora Geral da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas), Irmã Ersília Canta, escreveu uma série de circulares para as suas religiosas sobre o tema "A Religiosa, Missionária de Oração e de Silêncio". **CONVERGÊNCIA** transcreve para seus leitores trechos da Circular n.º 563, por razões diversas, entre elas sublinharia: a) O tema central dos primeiros fascículos de **CONVERGÊNCIA** em 1973 foi exatamente a missão. b) O que se diz é válido para toda a vida religiosa, independente do carisma específico de cada Ordem, Congregação ou Instituto.

E agora, retomo o fio das precedentes circulares. Propusemo-nos de ser "Missionárias" de oração e de silêncio. Espero que todas tenhamos feito o maior esforço possível para dar à nossa oração este impulso missionário e para imergirmos naquele clima de silêncio que, enquanto nos une ao Senhor, dá lugar à palavra de Deus em nossas almas.

Na oração e no silêncio nos encontramos com a VERDADE e aprendemos a amar a verdade. Proponhamo-nos, portanto, de **SER MISSIONÁRIAS DA VERDADE.**

Uma palavra muito repetida hoje, que está sendo usada e abusada, é **Autenticidade**. Todos querem ser e que os outros também sejam "autênticos", isto é, verdadeiros no **SER**, no **FALAR** e no **AGIR**.

Esta procura ansiosa de autenticidade, denuncia uma situação na qual a verdade está ofuscada. De fato, provam esta carência de "verdade" a insegurança, o descontentamento, desconfiança que existe em toda parte. Tal situação cria a exigência da "verdade" e nos impele a sermos "Missionárias da verdade" nas comunidades, entre a juventude e com todos, para a solução de uma das mais urgentes necessidades de hoje. Mas para levarmos a "verdade", é necessário:

POSSUIR A VERDADE. Quem nos pode dar a verdade? Somente aquele que se proclamou e é a VERDADE: "Eu sou a Verdade", Jo 14,6. Aquele que invocou para todos "Pai, santifica-os na verdade", Jo 17,17.

Aquele que ensinou a linguagem da verdade: "Seja o vosso falar: sim, sim; não, não, porque tudo o que daqui passa, procede do mal", Mt 5,37.

Aquele que disse: "Se a luz que há em ti, é trevas, quão grandes não serão as próprias trevas" Mt 6,22.

Aquele que nos exortou a procurar a verdade, porque "a verdade vos tornará livres", Jo 8,32; porque, "aquele que pratica a verdade, chega-se para a luz", Jo 3,21.

Cheguemos, portanto, à verdade pela palavra, pelo exemplo de Jesus e revistamo-nos, como nos exorta S. Paulo, dos "ázimos de pureza e de verdade", Cor 5,8, para levedarmos na verdade de Deus, a massa que nos circunda.

Assim fizeram os nossos Santos Dom Bosco e Madre Mazzarello. Seguindo o Evangelho, amaram e viveram a verdade e iluminaram com esta verdade as almas que lhes foram confiadas. O que mais nos impressiona é a retidão de intenção que os guiava em tudo. Jamais procuravam a si mesmos, mas unicamente a vontade de Deus, a sua honra e a sua glória. Consagrados a Deus para uma missão de bem, operavam sempre com este objetivo.

Se quisermos — como devemos — caminhar na mesma estrada que nos traçaram, resta-nos:

a) **SERMOS VERDADEIROS NO PENSAMENTO**, operando sempre com retidão de intenção, não para agradar às criaturas, por satisfação pessoal, por vaidade, mas

pelo amor e a glória de Deus e da Igreja.

b) **VERDADEIROS NAS PALAVRAS**, seguindo a norma evangélica do "SIM, sim; "NÃO, não". Usando sempre no nosso falar a máxima franqueza.

Na vida de Dom Bosco encontramos exemplos salutareis da santa "LIBERDADE NA VERDADE" e magníficas testemunhas de sua franqueza. "Aborrecia a dobreza, a mentira e qualquer espécie de subterfúgio. — Tanto no falar como no agir, era sempre franco e costumava repetir o "sim, sim; não, não" do Evangelho.

Tenhamos sempre presente o exemplo do nosso Pai Dom Bosco, para sermos leais e sinceros em nosso falar. Isto não significa que se deve dizer sempre tudo o que se pensa, mas que aquilo que se diz corresponda à verdade.

Ao mesmo tempo saibamos também, como nos sugere São Paulo, praticar a "**VERDADE NA CARIDADE**", Ef 4,15, isto é, dizer a verdade sem rigidez, sem ressentimentos ou asperezas; só assim será eficaz e iluminada.

c) **VERDADEIROS NO AGIR**, sem nos deixarmos guiar por segundas intenções, sem mascarar os nossos sentimentos e os nossos comportamentos por oportunismo; sem recorrer a subterfúgios e posições falsas para conseguir finalidades que contrastam com a nossa consciência, com a Regra, com a obediência, com a nossa mesma profissão religiosa.

d) **VER A VERDADE**, formar-se um olho "verdadeiro", quer dizer, aquele "olho são" de que fala o Evangelho: "O olho é a lucerna do corpo. Se, portanto, teu olho é são, todo teu corpo será iluminado", Mt 6,22. Iluminado da verdade.

A verdade nos faz tomar pessoas, coisas, acontecimentos numa realidade total e não apenas no seu lado negativo, que nos leva a uma visão pessimista e consequentemente, a juízos desfavoráveis. O pessimismo paralisa as almas, as comunidades e a Igreja.

Limites, faltas e defeitos existem em tudo o que é humano, e seria ingenuidade e falta de realismo ignorá-los. Mas uma visão realista das pessoas e das coisas, não deve impedir-nos de perceber e valorizar o bem que há em toda parte e em todos. Sem desvalorizarmos o passado, devemos constatar com alegria, como faz o Santo Padre em suas mensagens, os fermentos de renovação que se encontram na Igreja e no mundo de hoje. Saibamos encontrá-los também nas nossas comunidades e no Instituto.

e) **TESTEMUNHAR A VERDADE**. Se formos verdadeiros nos pensamentos, nas palavras e no agir, ser-nos-á fácil irradiar e testemunhar a **verdade** e comunicá-la aos outros de maneira eficaz.

As palavras que não encontram correlação na vida de quem as comunica e não são coerentes com a vida de "**verdade**", não encontram ressonância nas almas, pelo contrário, são repelidas.

Os jovens de modo especial percebem imediatamente se há sintonia entre a palavra e a vida. E se não a encontram, são os primeiros a reagir, pela sua radical exigência de **verdade**.

Nós religiosas educadoras devemos dar **CRISTO**, mas para dá-lo, é necessário possuí-lo, isto é, “emanar o bom odor de Cristo”, como diz a liturgia. Devemos dá-lo especialmente com a instrução catequética. Quero me referir à catequese ocasional, aquela que nos oferecem as circunstâncias, os encontros, as conversações, e que todas temos possibilidade de dever de fazer.

Isto nos ajudará a dar substância ao nosso falar de “verdade” e a evitar as conversas inúteis, as tagarelices, os “fuxicos”, a mania das informações, das notícias e a procura da vã projeção pessoal.

A nossa palavra será vínculo de **verdade**, se o nosso espírito se alimentar de verdade. Leiamos a palavra de Deus na Sagrada Escritura, recorramos ao magistério da Igreja. Consideremos um dever sagrado ler os documentos da Santa Sé e os discursos do Papa transcritos no **Osservatore Romano**. Evitaremos assim o perigo de seguir — como critério de verdade — apenas a nossa razão ou a última novidade apresentada por qualquer jornal ou revista e de nos deixarmos guiar, como consequência, por superficialidade e pior, por um racionalismo que, pouco a pouco faz-nos perder o verdadeiro sentido da vida e diminuir a fé.

Saibamos também sofrer e calar pela **verdade**. Então irradiare-

mos em torno de nós maior luz do que a nossa mesma palavra, e seremos testemunhas da verdade silenciosa e sofrida.

Um íntimo exercício para sermos “missionárias da verdade”, é o exame de consciência. Se for bem feito e com fé, sem medo da verdade, faz-nos “filhos da luz”, Lc 16,8, porque nos coloca na verdade de Deus, com relação a nós mesmos.

Rezemos sobretudo ao Espírito Santo, Espírito de Verdade, para que nos torne “**verdadeiras**” na plenitude do **ser e da vida**.

Digamos juntas:

Espírito de Verdade, guia-me, conforme prometeu Jesus, “ao conhecimento de toda a Verdade”, Jo 16,13. À verdade de Deus e à verdade de mim mesma. Coloca-me na plenitude desta verdade. Que eu não a atraioe com as minhas palavras, nem com a minha vida. Que eu não pareça o que não sou. Guia-me em tudo segundo a tua vontade, na retidão do pensamento, do falar e do agir. Que eu possa testemunhar, com a força da tua graça, a verdade da doutrina e da lei de Deus em todas as situações da minha vida. Faze que eu saiba interessar menos de mim e mais de Ti. Verdade essencial para que seja elemento construtivo do Reino de Deus no mundo e traduza na minha vida a realidade do Evangelho. Amém!

IRMÃ ERSÍLIA CANTA, FMA
Superiora Geral

LIVROS NOVOS

RECEBEMOS E AGRADECEMOS: EDIÇÕES PAULINAS

Coleção ORAÇÃO E AÇÃO, Nova Série.

N.º 5: RELAÇÕES INTERPESSOAIS COM DEUS, Pe. René Voillaume. São as conferências que o autor proferiu na Assembléia Extraordinária da Conferência dos Religiosos do Canadá, por ocasião do décimo aniversário da fundação. São 216 páginas englobando cinco capítulos. **Cap. I:** Exigências da Consagração. **Cap. II:** Intimidade com Cristo. **Cap. III:** O Problema da Oração no Mundo Atual. **Cap. IV:** Missão Espiritual dos Superiores. **Cap. V:** A Virgem Maria.

N.º 6: ONDE ESTÁ VOSSA FÉ?, Pe. René Voillaume. São as pregações de um retiro feito em Belley, Diocese de Cura d'Ars, de 2 a 6 de agosto de 1968,

para os membros da Fraternidade Secular, agrupamento de vida evangélica ligada à espiritualidade do Pe. Charles de Foucauld. São 303 páginas divididas em onze capítulos.

N.º 8: CARTAS A UM ATEU, M. Marie Yvonne, OSB. A autora era uma atriz da Comédie Française. Representava para uma das mais sofisticadas platéias européias, em Genebra, quando sentiu a voz de Deus. Fez-se beneditina, onde a oração e a meditação são a constante. São 174 páginas de agradável leitura.

N.º 10: POR AMOR DO TEU AMOR, A. M. Carré. Quando se chega ao fim das 200 páginas deste livro, cada um é capaz de dar um subtítulo ao livro: Deus e os outros.

N.º 13: PALAVRAS IN-OPORTUNAS, Congar, Loew, Voillaume. Uma brochura de 76 páginas, com esta matéria: Autoridade e Liberdade na Igreja, Yves Congar. Obrigações da Autoridade, Idem. Obrigações da Liberdade, Idem.

Os pressupostos de uma sã renovação, René Voillaume. Como abordar os problemas que a Igreja deve enfrentar, Idem. O Caminho da reconstrução, Jacques Loew. São Paulo dizia: "Proclama a palavra, insiste oportuna e inoportunamente" 2 Tim 4, 2.

Coleção A PALAVRA VIVA:

O TESOURO DAS PARÁBOLAS, L. Cerfaux. Páginas 152. Espiritualidade bíblica.

O primeiro homem que **imaginou** escrever começou por desenhar ou pintar casas, árvores, pássaros. Escrevia como pensava, por imagens. O Oriente conservou-nos suas velhas escritas pictográficas e familiariza-nos, ainda hoje, com as imagens que encantavam as "imaginações" de uma humanidade menos cerebral. A **parábola** está na linha da imagem. Os gregos, em sua retórica, definiam-na como a justaposição, a uma idéia menos imediatamente acessível, de uma analogia bastante concreta para clarear a idéia abstrata. É ainda assim que o mestre ensina a seus discípulos ou que, num discurso, tentamos despertar uma atenção cansada.

Entre os semitas, a parábola enquadra-se na "imagem" e possui riqueza de expressão bem maior. Um só termo serve-lhes para designar tudo quanto chamamos parábola, provérbio, fábula, comparação, alegoria, metáfora. Nisso tudo, eles reencontram a "imagem" da linguagem primitiva. **O TESOURO DAS PARÁBOLAS** enfoca três tipos de parábolas que são aquelas que o povo cristão relê preferencialmente: as parábolas do Reino, as parábolas da justiça e as parábolas que nos ajudam a franquear o limiar da eternidade.

Ainda das EDIÇÕES PAULINAS:

A COMUNIDADE JOVEM, Pe. José Fernandes de Oliveira, SCJ. Ano 1973. Páginas 110.

Escreve o autor: "Este livro não é um manual de pastoral juvenil. Nem um trabalho exaustivo e completo. É um trabalho simples e despretensioso, escrito em consideração aos sacerdotes, leigos e jovens que me pediram algumas anotações a esse respeito. Não sei muito sobre o assunto, mas sei das minhas responsabilidades na Igreja. Sou daqueles que preferem enfrentar o risco de uma crítica severa por um trabalho mal feito a enfrentar o peso de uma consciência ferida por não haver feito pelo menos o que podia."

A SANTINHA DAS ROSAS, Osmar Barbosa. Ano 1973. Páginas 162. Edições Paulinas. É a vida de Santa Teresinha narrada às crianças.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS: EDIÇÕES LOYOLA

POEMAS DE MARTINHA, Marta Vieira Figueiredo Cunha. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 96. Belorizontina, jovem e talentosa compositora. Eminentemente poética. Tem renome internacional. Como compositora suas melodias estão na Itália, França, Portugal, Espanha e em toda a América Latina. "Quando a gente vive entre os jovens e escuta suas angústias, vibra com seu entusiasmo e padece com eles a fome de amar corretamente, a vida toma a dimensão de uma poesia que vem do infinito e

fala, em linguagem limitada, das coisas que passam além de nossa lógica."

ROTEIRO DE VIDA JOVEM, Teófilo Viñas. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 152.

Sempre é bom a gente fazer amigos. Maravilhoso quando se consegue fazer bons amigos. A vida é mais leve, o horizonte mais claro e os passos mais seguros. Tudo isso é um bom livro. Coelho Neto dizia: "Um bom livro é um degrau que nos faz subir se é bom, e nos faz descer se é mau. Por ele o espírito ascende às claridades ou abisma-se nas trevas. "Livro bom, amigo bom, este do Pe. Teófilo Viñas. Será degrau que fará muita gente jovem subir. Para muitos que desejariam viver autenticamente o Cristianismo, mas que com facilidade se desorientam nos meandros da hora-a-hora e do dia-a-dia, para não se perderem aqui estão as balizas. Quando a gente vai viajar e não conhece bem o caminho, logo compra um mapa que nos indique as retas, as melhores estradas. É o que pretende este livro: Degrau para subir, roteiro de viagem, mão amiga.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS EDITORA VOZES LTDA.

LINGUAGEM DA CULTURA DE MASSAS, Televisão e Canção. Seleção de ensaios da revista "Communications". Abraham Moles, André Glucksmann, Georges Friedmann, Edgar Morin. Ano 1973. Páginas 180.

Sem sombra de dúvidas, vivemos um momento histórico, profundamente marcado pelo fenômeno dos meios de comunicação de massa. A expansão deste fenômeno, através da multiplicidade de veículos divulgatórios, determina o próprio panorama cultural e político do século XX. Entretanto, esse crescente aumento dos meios de comunicação revela, algumas vezes, um caráter ambíguo, pois ela exerce seu papel informativo e formativo, ora influencia negativamente camadas destituídas de espírito crítico. **LINGUAGEM E CULTURA DE MASSAS** é uma coletânea, cujo objetivo é a definição rigorosa de problemas e de seu tratamento com as técnicas da sociologia empírica, ao mesmo tempo que procura contribuir para a constituição de uma base factual firme e objetiva que sirva de terreno comum para formulações mais ambiciosas.

SUA VIDA, SEU FUTURO, Pierre Weil. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 200. Guia Prático de orientação e informação sobre escolha da profissão, para pais, professores, estudantes, chefes de pessoal e orientadores educacionais. O autor apresenta 600 profissões mostrando o que o profissional faz, como se preparar, qualidades necessárias, contra-indicações médicas, atividades afins, especializações, carreira. E isto em cada uma das profissões.

INTRODUÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA, Aspectos Metodológicos. Dinah Martins de Souza Campos. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 128.

A finalidade deste livro é oferecer algumas conquistas e estratégias da ciência psicológica, procurando abordar questões metodológicas essenciais aos

principiantes. Trata-se, pois, antes de tudo de um **livro didático**, dedicado aos estudantes de Psicologia, uma orientação segura para aqueles que se iniciam no trato com o emaranhado das diversas orientações metodológicas da pesquisa no campo psicológico e nem sempre encontram bibliografia acessível. A intenção da autora é concentrar a atenção do futuro especialista ou cientista e iniciá-lo em certos aspectos típicos da metodologia científica. Uma bibliografia especializada acompanha o volume, a fim de facilitar o estudo mais aprofundado dos temas abordados.

AS ORIGENS DA BÍBLIA, Subsídios para a Leitura da Bíblia e da Pregação. Alfred Lâpple. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 156.

O subtítulo deste livro diz bem a sua finalidade: subsídios para a leitura e compreensão da Bíblia e para pregação bíblica. Iniciando com uma profunda e completa diagnose do conceito atual da Bíblia — sob o ponto de vista da história das religiões: o conceito conservador, o ceticismo histórico, preconceitos sem base crítica — o autor, utilizando método científico, porém claro, acessível e prático, analisa as origens do Antigo e Novo Testamento sob o enfoque indicado na sua introdução: **uma necessidade urgente de nova orientação**, a fim de que possamos encerrar a Bíblia sem o desnível, muitas vezes escandaloso, entre o conhecimento da ciência teológica e o sentimentalismo interpretativo de grande parte do povo cristão.

Nada melhor, para sanar esta falha, do que mostrar como se formou a Bíblia, qual o sentido que pode ter para

o cristão dos nossos dias uma obra literária que, de um lado, foi escrita há mais de dois mil anos, num ambiente cultural totalmente diverso do ambiente do século XX e, de outro, teve sua origem no Oriente Médio. Obra fundamental para o cristão em geral e para o estudioso dos problemas exegéticos, históricos, de teologia bíblica e de teoria literária.

OS PAPAS E OS JUDEUS, Uma Abordagem Histórica. Hugo Schlesinger e Pe. Humberto Porto. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 284.

A conduta dos Papas para com os judeus não seguiu uma trajetória linearmente uníssona, antes, mostrou-se bem descontínua e mutável. Dependeu da atmosfera cultural e dos condicionamentos histórico-sociais de cada época, bem como da personalidade dos Pontífices. A tarefa de reconstruir as relações do Papado com o Judaísmo empenhou duas mentalidades que, embora diferentes, encontraram-se irmanadas no amor à verdade e à causa da fraternidade universal. Neste volume fartamente documentado, inédito no gênero entre nós, lograrão os leitores uma visão panorâmica desta tão acidentada e instrutiva história. A par de informar, ele quer testemunhar ainda quão válido e fecundo é o diálogo existencial entre judeus e cristãos.

MOTIVAÇÃO HUMANA, M. D. Vernon. Tradução do original inglês **Human Motivation**, de Luís Carlos Lucchetti. Ano 1973. Editora Vozes. Páginas 304.

A motivação humana é a força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações. O livro quer ser uma explanação dos fundamentos psi-

cológicos da motivação humana, em oposição aos processos de motivação nos animais. Também apresenta os principais efeitos da frustração e conflitos motivacionais. Tudo evidenciado experimentalmente, quando possível.

Pelos títulos do Sumário, pode-se avaliar o alcance da obra:

Cap. I: Natureza da motivação. **Cap. II:** Surgimento e desenvolvimento da motivação em crianças. **Cap. III:** A satisfação das necessidades biológicas. **Cap. IV:** O comportamento motivado nas reações de emergência. **Cap. V:** As Emoções. **Cap. VI:** Ativação, excitação, exploração, competência. **Cap. VII:** Motivação social. **Cap. VIII:** O comportamento orientado para um fim. **Cap. IX:** Frustração e conflito. **Cap. X:** Diferenças individuais no comportamento motivado.

ROCK, o Grito e o Mito, Roberto Muggiati. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 120.

A música pop como forma de comunicação e contracultura. Para muitos, o rock trouxe as canções de gesta da era espacial. Para outros, ele é apenas um pouco de páprica no banquete nuclear da TV. A verdade está entre estes dois extremos, naquela terra-de-ninguém em que se inscreve a música pop, ou seja, a canção de consumo das sociedades industriais avançadas.

Este livro — que não é uma história linear, mas uma visão global do espaço sonoro pop, bombardeando o assunto por todos os ângulos — analisa especificamente o rock, o modelo anglo-americano de “música-jovem”. Foi nos Estados Unidos (Dylan) e na Ingla-

terra (Beatles) que o rock irrompeu com força centuplicada para derrubar as estruturas culturais mumificadas que, na década anterior, o **rock and roll** de Elvis Presley já havia irremediavelmente solapado.

Nesses países, onde se subvertem todas as leis históricas conhecidas, ou melhor, onde a equação de causas e efeitos sociais se torna cada vez mais complexa, e quase a-histórica, num processo delirante de interações, os meios de comunicação eletrônicos estão provocando uma implosão (McLuhan) na cultura, de consequências imprevisíveis e da qual tudo se pode esperar. No caso do rock, por exemplo, como explicar a obstinada persistência do núcleo folclórico primitivo (**blues, country & western**, etc.) em plena era eletrônica, ou talvez mesmo por causa dela?

E por que, entre os que defendem a “política do êxtase”, o rock é tido, em si e por si só, como uma verdadeira revolução? Ou entre os estudiosos da comunicação, considerado como um anti-ambiente cuja função seria preparar o aparelho perceptivo dos homens para a paisagem violentamente modificada do futuro? Estes e outros temas são discutidos neste livro que procura estudar as complexas ligações entre a música e o mito, esboçando uma minifenomenologia do rock.

Roberto Muggiati trabalhou na BBC de Londres entre 1962 e 1965 e acompanhou de perto a ascensão dos Beatles na Inglaterra do Escândalo Profumo, da imprensa satírica e de Mary Quant. O rock devolveu ao homem a sua voz, sufocada por séculos de repressão, e com a nova música ele passou a gritar bem alto suas necessi-

dades, seus desejos, seu ódio, seu amor.

Ainda da **Editora Vozes**: O ESPELHO MÁGICO, um fenômeno social chamado corpo e alma. José Ângelo Gaiarsa. Ano 1973. Páginas 72. XADREZ, Campeonato Mundial. J. C. de Almeida Soares. Ano 1973. Páginas 136. O livro ajudará a reconhecer o significado lúdico e cultural do xadrez em nossos dias.

APOLOGIA E DESMITIZAÇÃO DA VIDA COMUM, Basílio Rueda. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 310.

A vida comunitária tem papel fundamental, ainda que limitado e incompleto, tanto para o futuro das congregações, como para a qualidade e perseverança dos religiosos considerados individualmente. É este papel que torna mais necessário do que nunca uma reflexão sobre este assunto. Muitos dos que abandonam a vida religiosa se retiram por razões cuja origem cumpre buscar na vida comunitária insuficiente ou debilitante, nas relações humanas marcadas pela indiferença, pela frieza, pela dissensão com outros religiosos do mesmo Instituto.

Com uma vida comunitária deficiente, a vida de oração e o apostolado enfraquecem, o dinamismo do dom de si mesmo é atingido. O grupo social vive e sofre um fenômeno do qual é responsável e vítima. Não esperar também só da vida comunitária o sucesso da vida religiosa. É excessivo. A melhor vida comunitária é incapaz, só por si, de assegurar a perseverança, a autenticidade e a qualidade da vida religiosa, tanto nos indivíduos como na Instituição. Vida comunitária que se apóia

somente sobre si mesma será um fenômeno passageiro.

APOLOGIA E DESMITIZAÇÃO DA VIDA COMUM procura encontrar novas considerações sobre o tema vida em comum como ainda seu papel de fermento.

PSICOLOGIA DA FRATERNIDADE RELIGIOSA, Frei Rovílio Costa, OFM Cap. Livraria Editora Sulina. Ano 1973. Páginas 64.

A troca de idéias e de experiências nos momentos certos e incertos, com objetivos afins, sempre conduz a perceber novas perspectivas e a sentir diferentes modos de vida. O amadurecimento da reflexão cria quadros mais reais e prospectivos para nossas novas vivências. Foi precisamente a troca de reflexões informais sobre o discutido momento atual da vida religiosa que fez surgir **PSICOLOGIA DA FRATERNIDADE RELIGIOSA**. Reflexões, espelhos, análises, questionamentos sem maior sistematização lógica, mas carregados de densa substância para os que buscarem penetrá-las. Na religião do amor, o sentido da disponibilidade é verdade e o sentido de fraternidade nas comunidades seriam o novo credenciamento da vida consagrada. Indiscutivelmente somos hoje testemunhas de multiformes tipos de vida comunitária. Ordens e Congregações Religiosas estão atarefadas na renovação de seus quadros tradicionais e se preocupam em planificar a vida comunitária que deve progredir e transcender as formas meramente disciplinares para a constituição de verdadeiras fraternidades. A nova vocação das comunidades religiosas é de serem, no mundo, fraternidades de irmãos que testemunham a radicalidade evangélica do amai-vos uns aos outros.

A UNIDADE DA IGREJA CATÓLICA, São Cipriano. Introdução, tradução e notas por Carlos Beraldo, SJ. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 70.

É o volume oitavo da Coleção FONTES DA CATEQUESE, da Editora Vozes. A coordenação desta Coleção está a cargo de Frei Alberto Beckhäuser, OFM. Anteriormente foram publicados: Didaqué, Cartas de Santo Inácio de Antioquia, Carta de São Clemente Romano aos Coríntios, Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, Os Sacramentos e os Mistérios, Peregrinação de Etéria, A Instrução dos Catecúmenos.

A Unidade da Igreja é, hoje, tema atual. O problema é saber em que consiste tal unidade. São Cipriano, em meados do século terceiro, levado por uma situação bem concreta de sua Igreja no norte da África, já tentou dar uma resposta. Mais do que um tratado sobre a Igreja, este livro constitui exortação à unidade e fidelidade à tradição, contra os que pregavam cismas no seio da Igreja. Trata da unidade no presente, unidade local e universal e a unidade dinâmica que conserva a identidade da Igreja com aquela de ontem e de amanhã pela legítima sucessão apostólica e pela fidelidade às fontes. Além destas questões, aborda ainda o problema do batismo cismático, do batismo de crianças e da cátedra de Pedro.

A FÉ CRISTÃ, R. Paiva. Edições Loyola. Ano 1973. Páginas 232.

Subtítulo do livro: Visão de conjunto da mensagem cristã e da vida de fé. Introdução à leitura da Bíblia. Desde o singular acontecimento Jesus Cristo na história dos homens, a fé cristã

tornou-se objeto de numerosos estudos, reflexões e controvérsias, sendo apresentada através dos tempos sempre de novas maneiras, mantendo, contudo, o mesmo conteúdo que os apóstolos receberam do próprio Cristo no Espírito Santo.

No momento em que a Igreja de Jesus Cristo, depositária e transmissora da fé, renova-se espiritualmente e se esforça, tanto por voltar às suas fontes primitivas onde a fé se encontra na sua pureza e vigor, como por falar ao homem de hoje "em situação", a presente obra adquire uma fundamental importância.

A FÉ CRISTÃ, uma introdução ao cristianismo e à leitura da Bíblia, vem responder ao desejo que a Igreja tem de ver apresentada a verdadeira "mensagem alegre" de Jesus Cristo, numa linguagem e forma que sejam ao mesmo tempo seguras e acessíveis ao homem do mundo atual.

A apresentação da matéria é simples e clara. "Os princípios da fé" começam mostrando a razoabilidade do ato de fé, malgrado as dificuldades que se apresentem para dizer: Creio. Em "Criação e Queda" a apresentação da difícil doutrina do pecado, tão realista quanto cheia de esperança, que prepara o capítulo sobre Jesus Cristo, parte central da obra, onde o encontramos revelado pelos escritos dos quatro evangelistas. Os dois últimos capítulos se destacam: "O Espírito Santo e a Igreja ensinada pelo Espírito Santo", pela originalidade e simplicidade da apresentação do complexo dogma trinitário, onde o autor foi realmente muito feliz. E o último capítulo: "Vida Eterna e Tempo Presente", mostra bem a situação dialética em que se coloca o homem que assume a sua fé, com a tarefa de construir o mundo-futuro no presente, que pode ser lido num só fôlego, sem o receio de se chegar ao fim e não ter adquirido uma visão clara do que seja a fé em Jesus Cristo.

A FÉ CRISTÃ não será apenas mais uma obra a tratar da problemática da fé cristã, mas tornar-se-á uma presença obrigatória nas bibliotecas de teologia, nos grupos de reflexão cristã, nos movimentos eclesiais de jovens e de adultos, nos colégios, nas famílias, confirmando pessoas na sua fé e levando outras a ela.

CRISTÃOS NO MEIO RURAL, Frei Bernardino Leers, OFM. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 320.

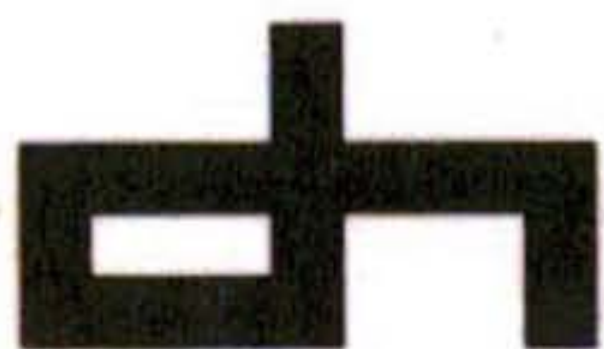
Um livro que estava realmente faltando: um manual dedicado aos líderes rurais, em formação por todo o interior deste imenso Brasil. Seu texto é resultado de longa experiência do autor em mais de um Estado, e procura, com êxito, dar uma visão global do que deve ser o ensino e a vida cristã no campo.

A linguagem do livro, exatamente pelo fato de tentar servir aos líderes rurais de todo o país, evita o mais possível outra cultura popular regional. Seu vocabulário, porém, é simples, acessível, utilizando uma linguagem que a extensão crescente da rede escolar e a penetração rápida dos meios de comunicação já faz ser comum a quase todo o povo.

Com isso o autor quer mostrar também a necessidade do líder, do catequista, do professor na adaptação da palavra à mentalidade e à situação do povo local. CRISTÃOS NO MEIO RURAL vem atender aos anseios dos senhores Bispos, Vigários, Agentes Pastorais, Professores Rurais, que esperavam por um texto funcional que, à medida exata da mentalidade do povo do campo, mostrasse os fundamentos da fé e estimulasse atitudes práticas de vivência cristã.

O MELHOR QUE SE PODE FAZER PELO BRASIL É CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



BANCO DENASA
de investimento s.a.

dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração
Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE